

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA

**VIVÊNCIA ESPACIAL DAS MULHERES RIBEIRINHAS: OS ESPAÇOS
PARADOXAIS DO DISTRITO DE NAZARÉ.**

PORTO VELHO - RO

2013

LUCIANE GOMES LOPES

**VIVÊNCIA ESPACIAL DAS MULHERES RIBEIRINHAS: OS ESPAÇOS
PARADOXAIS DO DISTRITO DE NAZARÉ.**

**Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós Graduação em
Geografia da Universidade Federal de
Rondônia. Linha de pesquisa:
Populações Amazônicas e Cidadania,
sob a orientação da Profa. Dra. Maria
das Graças Silva Nascimento Silva.**

PORTO VELHO - RO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

L8641v

Lopes, Luciane Gomes.

Vivência espacial das mulheres ribeirinhas: os espaços paradoxais do distrito de Nazaré. / Luciane Gomes Lopes, 2013. 119f.:il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria das Graças Silva Nascimento Silva.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Departamento de Geografia, Porto Velho, Rondônia, 2013.

1. Gênero. 2. Espaço ribeirinho. 3. Mulher. 4. Modo de vida. I. Fundação Universidade Federal de Rondônia. Mestrado em Geografia II. Título

CDU: 911.3(811.1)

Bibliotecário responsável: Ricardo Luis Lins Guimarães CRB 15-688



MESTRADO EM GEOGRAFIA - UNIR
A Amazônia e Políticas de Gestão Territorial

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM GEOGRAFIA

PPGG

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

LUCIANE GOMES LOPES

A Banca de defesa de Mestrado presidida pela orientadora Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva e constituída pelos examinadores Prof. Dr. Josué da Costa Silva e Profa. Dra. Joseli Maria Silva, reuniu-se no dia 13 de junho de 2013, às 9h na sala de aula Josué de Castro, Prédio do Mestrado em Geografia, sito no Campus Universitário José Ribeiro Filho, para avaliar a Dissertação de Mestrado intitulada "VIVÊNCIAS ESPACIAIS DAS MULHERES RIBEIRINHAS: OS ESPAÇOS PARADOXAIS DO DISTRITO DE NAZARÉ", da mestranda Luciane Gomes Lopes, matrícula 201111278. Após a explanação da mestranda, e sua arguição pela Banca Examinadora, a referida dissertação foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia foi considerada APROVADA. Conforme determinação do Colegiado do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, a candidata tem o prazo de até 90 (noventa) dias, a contar desta data, para realizar as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação.

Porto Velho, 13 de junho de 2013.

Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva
Orientadora

Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Examinador

Profa. Dra. Joseli Maria Silva
Examinadora Externa - UEPG

“O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que saiba admirar, escolher a imagem justa, luminosa.

Dardel

*Desse chão sou também a mais bela cantiga
Sou braço do Madeira e gosto de falar
Da fartura, alimento de todo lugar
Em tudo o que há, em tudo que dá”.*
(Timaia).

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Manoel e Maria Luciene, pela vida que me deram e pelas oportunidades. Para eles não há dificuldade que impeça à continuação dos estudos. Guerreiros, exemplos de honestidade, força de vontade e perseverança. Dedico esse trabalho e tudo o quanto mais vier a fazer durante minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Pai do céu por possibilitar que caminhos maravilhosos se abrissem em minha vida, me dando força para enfrentar as dificuldades e turbulências encontradas no percurso da vida pessoal e acadêmica.

No desenvolvimento de uma pesquisa nos deparamos com as mais variadas formas de experiências, sensações, dúvidas, medo, sentimentos de satisfação por estar se fazendo aquilo que gosta. Nesses momentos sempre precisamos compartilhar essas sensações, sejam elas de angústias ou de alegrias, às vezes nos tornamos repetitivos e as pessoas que nos rodeiam e se importam conosco estão sempre ali, para nos ouvir e compartilhar de nossos momentos mais diversificados. É por isso que agradeço aqui, nesse momento, a todas as pessoas amigas que me ajudaram e prestaram todo seu apoio. Aos mestres, doutores, aos iniciantes na pesquisa, aos não titulados e distantes desse meio.

À professora Gracinha (Maria das Graças Silva Nascimento Silva) por me orientar desde a iniciação científica, acompanhando toda minha trajetória acadêmica. Aturando minhas ansiedades e me ajudando a crescer também pessoalmente, através de seu exemplo de dedicação à pesquisa e comprometimento. E acima de tudo, pela confiança que depositou em mim.

Ao professor do Mestrado em Geografia Adnilson Almeida que tive a oportunidade de acompanhá-lo desde o período da graduação, sempre mostrando interesse todas as vezes que ia lhe falar de minha pesquisa.

Agradeço ao professor Josué da Costa Silva, um dos maiores responsáveis pelo conhecimento que adquiri da teoria geográfica, iniciado no primeiro período de graduação em geografia, em 2007.

À professora Joseli Maria Silva, por sua contribuição com tanto conhecimento acerca da temática de gênero, e por aceitar se dirigir até Porto Velho para participar da banca de defesa da minha dissertação.

Aos amigos do Mestrado em Geografia, em especial às amigas, ou às “*bests*” como costumamos nos chamar: Ananda Catrice, Cláudia Oliveira, Mirtilene Lopes. Perdi as contas de quantas vezes nos reunimos para “chorar as pitangas” dos momentos de aperreio, sempre nos ajudando e incentivando umas às outras.

Às integrantes e amigas do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGÊNERO, da Universidade Federal de Rondônia.

À Gabrielle Pellucio, que se tornou bem mais que uma amiga de grupo de pesquisa, pelo apoio desde o período em que eu fazia parte do Programa de Iniciação Científica.

À Elaine Filgueiras, por se mostrar uma amiga de confiança, que com sua ternura sempre nos traz palavras de apoio e conforto.

Aos moradores simpáticos do Distrito de Nazaré, que colaboraram para o acontecimento dessa pesquisa, sempre nos recebendo com um sorriso no rosto e uma boa conversa, nos contando suas experiências, nos deixando participar do seu dia a dia para que assim pudéssemos saber realmente o que é ser ribeirinho na Amazônia.

E enfim, à minha família, maior tesouro, “A Grande Família”: Pai (Manoel), Mãe (Luciene); às irmãs: Ane, Lúcia, Néia; aos cunhados: Manoel e Cláudio; e aos meus amores, pelo amor mais puro e sincero que recebo deles, meus sobrinhos: Cecília, Letícia, Pedro e Tereza.

RESUMO

Este estudo refere-se a uma investigação da forma de caracterização do lugar a partir da participação feminina, incluindo levantamento das atividades e distribuição espacial das mulheres no Distrito de Nazaré, comunidade do Baixo Rio Madeira no município de Porto Velho. A análise da ocupação do lugar sob o enfoque de gênero torna possível o conhecimento da relevância que possui a representação social, imputada aos homens e mulheres, para a consolidação das práticas sociais que formam e caracterizam determinado espaço vivido. O mesmo descreve as condições de vida e o cotidiano das mulheres ribeirinhas, tanto no que se refere ao trabalho, quanto à vida familiar, no espaço doméstico. O objetivo do presente estudo foi investigar o cotidiano da mulher ribeirinha e as formas de relações sociais que colaboram para a produção do espaço sob o enfoque das relações de gênero tanto no ambiente privado, quanto no público. A metodologia utilizada privilegiou estudos qualitativos e quantitativos a partir de uma abordagem fenomenológica do espaço vivido, de relação entre sociedade e cultura. Foram aplicados cinquenta e três questionários aos moradores do Distrito de Nazaré, sendo que deste total, quarenta e dois foram respondidos por homens e onze por mulheres, além disso, foram realizadas, para compreensão acerca do cotidiano familiar e do trabalho feminino entrevistas com quatro mulheres as quais favoreceram para a compreensão do seu cotidiano mais detalhadamente, a partir da história oral de vida garantindo-nos relatos reais do dia a dia da mulher ribeirinha. A análise dos dados permitiu identificar que as formas de atuação no espaço ribeirinho de homens e mulheres se realizam de maneira diferenciada, tanto no que se referem às atividades de lazer, quanto as relacionadas ao trabalho, verificamos que as famílias exercem atividades semelhantes entre si, os trabalhos são praticamente os mesmos e as demais atividades também. Foi-nos perceptível que o trabalho e participação social da população feminina situam-se às margens da visibilidade de atuação sendo a participação feminina nas atividades de maior visibilidade ainda muito tímidas.

Palavras-chave: gênero, espaço ribeirinho, mulher e modo de vida.

ABSTRACT

This study refers to an investigation of the way of characterizing the place from female participation, including surveying and spatial distribution of the activities of women in the District of Nazareth, community of the Lower Rio Madeira in the city of Porto Velho. The analysis of the occupation of the place under the gender approach makes possible the knowledge that has relevance to social representation, attributed to men and women, for the consolidation of social practices that characterize particular form and lived space. The same describes the living conditions and daily life of women riverside, both with regard to work on the family life in the home. The aim of this study was to investigate the everyday woman and riverside forms of social relations that contribute to the production of space from the standpoint of gender relations in both the private, as in public. The methodology focused qualitative and quantitative studies from a phenomenological approach of lived space, the relationship between society and culture. We applied fifty-three questionnaires to residents of the District of Nazareth, and of this total, forty-two were answered by men and eleven women, moreover, were taken to the everyday understanding about women's work and family interviews with four which favored women for the understanding of everyday life in more detail, from the oral history of life assuring us real stories of everyday women's riverfront. Data analysis identified that the forms of action in space riverside of men and women are made differently, both as they relate to leisure activities, as those related to work, we found that families exert activities similar to each other, jobs are virtually the same and the other activities too. We were noticeable that labor and social participation of the female population are situated on the banks of the visibility of performance and female participation in the activities of visibility still very timid.

Keywords: gender, riverside area, woman, way of life.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| APRESENTAÇÃO..... | 18 |
| INTRODUÇÃO..... | 20 |
| CAPÍTULO I: GÊNERO E CIÊNCIA GEOGRÁFICA: ABORDAGEM TEÓRICA DA PESQUISA..... | 26 |
| 1.1 Abordagens Teóricas da Geografia e Gênero como Categoria de Análise..... | 27 |
| 1.1.1 Do Feminismo à Geografia Feminista..... | 29 |
| 1.1.2 Geografia e o estudo significativo do significado | 31 |
| 1.1.3 As relações de gênero no espaço..... | 34 |
| 1.1.4 A Cultura como determinante da segregação de espaços: uma análise a partir da geografia cultural..... | 36 |
| 1.1.5 A Geografia Cultural..... | 37 |
| 1.1.6 Cultura e relações de gênero..... | 39 |
| 1.1.7 Espaço ribeirinho e intersubjetividades locais..... | 40 |
| CAPÍTULO II TRAJETÓRIA METODOLÓGICA..... | 43 |
| 2.1 CARACTERIZANDO A ÁREA DA PESQUISA..... | 44 |
| 2.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA..... | 49 |
| 2.2.1 Considerações do lócus da pesquisa..... | 50 |
| 2.2.2 Concepções metodológicas da pesquisa..... | 51 |
| 2.2.3 Procedimentos metodológicos..... | 55 |
| 2.2.3.1 A pesquisa qualitativa..... | 55 |
| 2.2.3.2 História oral..... | 57 |
| 2.2.3.3 Observação participante..... | 58 |
| 2.3 PESQUISA DE CAMPO..... | 61 |
| CAPÍTULO III DISTRITO DE NAZARÉ: O ESPAÇO VIVIDO DAS MULHERES RIBEIRINHAS..... | 68 |
| 3.1 O modo de vida ribeirinho..... | 69 |
| 3.2 Enfoque de gênero: vivência de homens e mulheres nos espaços paradoxais..... | 71 |
| 3.3 Estrutura e dinâmica da vida familiar..... | 79 |
| CAPÍTULO IV DESVENDANDO O COTIDIANO DA MULHER RIBEIRINHA..... | 85 |
| 4.1 Uma história de vida: O Distrito de Nazaré sob a ótica de uma moradora..... | 86 |
| 4.2 A percepção da mulher ribeirinha de sua participação em seu espaço vivido..... | 93 |

| | |
|---|-----|
| CAPÍTULO V CONHECENDO O DISTRITO ATRAVÉS DAS IMAGENS..... | 97 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 105 |
| REFERÊNCIAS..... | 110 |
| APÊNDICE..... | 117 |

LISTA DE FOTOS

| | |
|--|----|
| Foto 01: LOPES, Luciane Gomes: Pôr do sol no Rio Madeira, Porto Velho, RO. 2011. | 26 |
| Foto 02: Acervo GEPGÊNERO, Placa da entrada principal do Distrito. Nazaré, RO. 2011. | 43 |
| Foto 03: LOPES, Luciane Gomes: Pracinha em formato de melancia, na entrada do Distrito, em homenagem ao Festejo que mais movimenta a localidade, no mês de agosto. | 46 |
| Foto 04: LOPES, Luciane Gomes: calçadão paralelo ao Igarapé Boca do Furo (via de circulação principal). | 44 |
| Foto 05: LOPES, Luciane Gomes: modelo de residência mais comum da localidade, em madeira e sob palafitas. | 47 |
| Foto 06: LOPES, Luciane. 2012. Central de abastecimento de Energia do Distrito de Nazaré. | 48 |
| Foto 07: Acervo GEPGÊNERO, 2012. Caminho até as casas mais afastadas do Distrito. | 64 |
| Foto 08: LOPES, Luciane Gomes. Vista parcial do Distrito. Nazaré, RO. 2011. | 68 |
| Foto 09: LOPES, Luciane G.. Distrito de Nazaré. 2011. Ribeirinhos no entardecer à beira rio. | 69 |
| Foto 10: Lopes, Luciane Gomes. Ribeirinha, Dona Veneranda, em uma das atividades de seu cotidiano. Nazaré, RO. 2012 | 85 |
| Foto 11: Acervo GEPGÊNERO. O Distrito também é chamado, por seus moradores, como terra do sirigandô, espécie de dança típica. Nazaré, RO. 2011. | 97 |

| | |
|---|-----|
| Foto 12: LOPES, Luciane Gomes. Ponte que serve de passarela e auxilia na locomoção dos moradores do Distrito. | 96 |
| Foto 13: LOPES, Luciane Gomes. O barco recreio é um dos meios de transporte mais utilizados no percurso até Nazaré. | 96 |
| Foto 14: LOPES, Luciane Gomes. Escada que auxilia na chegada ao Distrito. Em um período de baixa do rio, descer dos barcos transportando suas bagagens até a localidade torna-se um desafio. Nazaré – RO, 2011. | 97 |
| Foto 15: LOPES, Luciane Gomes. Principal via de circulação da localidade. | 97 |
| Foto 16: LOPES, Luciane Gomes. Mulheres ribeirinhas descascando macaxeira para a preparação de farinha. | 98 |
| Foto 17: LOPES, Luciane Gomes. Maquinário utilizado para moer a macaxeira. | 98 |
| Foto 18: LOPES, Luciane Gomes. Forno utilizado para o processo de torrar a farinha. | 99 |
| Foto 19: LOPES, Luciane Gomes. Vista à distância da Casa de farinha. | 99 |
| Foto 20: Acervo GEPGÊNERO. Unidade de Saúde Municipal do Distrito. | 100 |
| Foto 21: Acervo GEPGÊNERO. Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio. | 100 |
| Foto 22: LOPES, Luciane Gomes. Pracinha da localidade, construída em formato de Melancia. | 101 |
| Foto 23: LOPES, Luciane Gomes. Moradores reunidos durante umas atividades da 5ª Festa da Melancia. | 101 |
| Foto 24: LOPES, Luciane Gomes. Barraca com doces feitos à base de melancia por mulheres. | 102 |
| Foto 25: SOUSA, Rúbia Elza. Movimento de Mulheres Ribeirinhas do Baixo e Médio Madeira. | 102 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 01: Mapa de localização do Distrito de Nazaré | 43 |
| Figura 02: Os tipos institucionalizados: componentes horizontais e componentes hierárquicos. | 80 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 01: Profissões citadas por homens. | 73 |
| Gráfico 02: Profissões citadas por mulheres. | 74 |
| Gráfico 03: Divisão dos trabalhos entre homens e mulheres. | 75 |
| Gráfico 04: Tomadas de decisões referentes ao uso dos lotes. | 76 |
| Gráfico 05: Participação em festejos da comunidade. | 77 |
| Gráfico 06: Satisfação dos moradores em residir no Distrito de Nazaré. | 78 |
| Gráfico 07: Atividades de lazer na comunidade | 84 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 01: Data dos principais Festejos do Distrito de Nazaré. | 77 |
| Tabela 02: Quadro de atividades familiares - Família 01 | 81 |
| Tabela 03: Quadro de atividades familiares - Família 02 | 82 |
| Tabela 04: Quadro de atividades familiares - Família 03 | 83 |

LISTA DE SIGLAS

AMPAN – Associação de Moradores Produtores e Amigos de Nazaré.

EMATER – Associação de Assistência técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia.

GEPGÊNERO – Grupos de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero.

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

PDSA – Plano de Desenvolvimento Sustentável em Assentamento

PAA– Programa de Aquisição de Alimentos

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

SEMOB – Secretária Municipal de Obras

SEMUSA – Secretária Municipal de Saúde

UNIR - Universidade Federal de Rondônia

As Águas Que Vão Para O Oceano

*As águas que vão para o oceano,
Levam elas os sonhos de muita gente,
Ribeirinhos que ali vivem sonhando,
Eles são como todos não são diferentes.
Como em qualquer lugar destes pais,
Aspirações, anseios, os levam a desejar,
Deixar seu chão, arrancar sua raiz,
Por seu barco na água e se deixar levar.*

*Partir em busca de outras plagas,
Correr atrás de oportunidades,
De uma existência menos amarga
E conhecer da vida a realidade.
Comparar o seu ontem e o seu hoje,
Reconhecer o seu novo chão,
Lembrar que o rio sua raiz, ficou longe,
Já não está mais ao alcance de sua mão.*

*Até então via águas mansas passar,
Agora passa na rua um turbilhão de pessoas.
A vida tranqüila, o verde do mato, o brilho do luar,
Vai ficando esquecido como o canto do galo que na madrugada ressoa.
Do seu torrão resta apenas a lembrança em forma de saudade,
Se a vida foi dádiosa e abriu suas portas e bem os receberam
Deixarem o torrão natal valeu, valeu o trocaram pela cidade,
E esquecerem do chão de sua raiz e do rio que tanta água beberam*

*Porém se a sorte foi madrasta e com dádivas não contribuiu,
Fica restando a certeza que como ribeirinhos eram mais felizes,
Aqui chegaram cheios de esperança, mas a cidade não retribuiu.
Resta então lembrar do rio, do seu chão e voltar às suas raízes.
Entretanto foi mais fácil vir e agora mais difícil será voltar
O seu rincão ficou cada vez mais longe e o barco perdeu-se esperando
Mais a saudade será à vela e a necessidade o barco que os levará,
Com a corrente pela proa e pela popa o vento à vela inflando.*

APRESENTAÇÃO

O início de minha trajetória no estudo da ciência geográfica se deu em 2007, quando ingressei no curso de geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, no ano seguinte, 2008, passei a fazer parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulheres e Relações Sociais de Gênero – GEPGÊNERO, coordenado pela professora Maria das Graças Silva Nascimento Silva, a partir desse momento, comecei a estudar as questões de gênero e a perceber quão é importante seu estudo para compreendermos as relações sociais no meio em que vivemos.

O ingresso no GEPGÊNERO proporcionou o interesse em participar do Programa de Iniciação Científica - PIBIC, da referida universidade, neste permaneci durante dois anos estudando a temática de gênero. Primeiramente realizei uma pesquisa voltada à questão de gênero no meio acadêmico intitulada “Pós-Graduação e Produção do Conhecimento: um debate de gênero”, realizada durante 2008 e 2009. Minha outra pesquisa de iniciação científica continuou com a mesma temática teve como título “Gênero Na Pós-Graduação: um estudo de caso do mestrado em geografia da Universidade Federal de Rondônia”, todas realizadas sob a orientação da mencionada professora.

As pesquisas desenvolvidas durante esse período contribuíram para a realização da monografia, na qual continuei trabalhando com o tema que vinha desenvolvendo no PIBIC e esta serviu como requisito para obtenção do título de bacharel em geografia, no ano de 2011. Toda minha trajetória acadêmica esteve envolvida com o grupo de pesquisas aqui mencionado, GEPGÊNERO e com o estudo das relações de gênero e de condições das mulheres no campo científico.

Atualmente, o GEPGÊNERO vem desenvolvendo pesquisas em assentamentos rurais e em áreas ribeirinhas, estar participando das pesquisas de campo bem como de estudos referentes às condições das relações de gênero

nessas áreas despertou o interesse e uma inquietude com relação a algumas formas de participação de homens e mulheres no espaço ribeirinho, espaço esse dotado de singularidades. Esse fato influenciou para a tomada de decisão de estudar uma nova temática vinculada à questão de gênero, agora no espaço ribeirinho.

As viagens de campo realizadas com demais pesquisadoras do grupo de pesquisa despertou em mim o interesse de estudar esse meio tão rico e dotado de singularidades, o qual passa a nos fascinar sempre mais a cada ida à localidade. Sendo este local possuidor de características próprias, nos despertou o interesse em avaliar no desenvolvimento das atividades cotidianas de sua população como ocorrem as relações entre os diferentes gêneros.

INTRODUÇÃO

*Saga beiradeira, saga beiradeira, saga beiradeira
 Vou lhe contar amigo, a história de um lugar
 Que poucas pessoas conhecem, outras nem ouviram falar
 Em Nazaré a terra é farta pra quem gosta de trabalhar
 Pois a natureza não é ingrata com quem dela sabe cuidar
 Saga beiradeira...*

*A cultura que lá existe foi meu pai que incentivou
 Homem de família humilde, que tornou-se professor
 Um homem valente e destemido que fundou aquele lugar
 Levou teatro, música, quadrilha, seringandô e boi bumbá
 Mas um dia de surpresa uma enfermidade apareceu
 Ele lutou contra a doença, mas dela faleceu
 Hoje repousa entre as matas no lago do Peixe-Boi
 No dia de sua despedida o barranco chorou em seguida veio a chuva e a sua
 alma lavou
 Saga beiradeira...
 (Taiguara Martins)*

A pesquisa foi realizada no Distrito de Nazaré, no município de Porto Velho, o qual passou por processos de divisão territorial ao longo de sua formação até a atual configuração. A exemplo, podemos citar a divisão de 1995 na qual o município constituía-se de nove distritos: Porto Velho, Abunã, Calama, Fortaleza do Abunã, Jaci-Paraná, Mutum Paraná, Nova Califórnia, São Carlos e Vista Alegre do Abunã. Já em 1997 foram instituídos no referido município os distritos de Demarcação e Nazaré, através da Lei Municipal n.º 1.299, de 26-06-1997.

O Distrito analisado em nossa pesquisa encontra-se situado a cerca de cem quilômetros de distância do município de Porto Velho. A localidade conta com pouco contingente populacional e possui um administrador, que trata dos interesses da população e possui responsabilidades inerentes ao cargo de um

prefeito, sendo este indicado pelo prefeito da capital rondoniense. Apesar do longo trajeto que tem que se percorrer para chegar a localidade, a mesma é conhecida por suas festas locais que atraem considerável número de visitantes e colabora para que seus moradores se mobilizem com atividades a fim de obter um incremento em sua fonte de renda. Cabe salientar ainda que a comunidade conta com uma associação denominada Associação dos Produtores, Moradores e Amigos de Nazaré (AMPAN).

Na presente dissertação buscamos analisar a realidade de uma comunidade ribeirinha e como se distribuem as atividades no cotidiano a partir das diferenças de gênero. A mesma teve como objetivo geral investigar o cotidiano da mulher ribeirinha e as formas de relações sociais que colaboram para a produção do espaço sob o enfoque das relações de gênero tanto no ambiente privado, quanto no público.

Primeiramente se torna de fundamental importância, para o discernimento do tema, a compreensão de alguns conceitos que muitas vezes são confundidos e que estarão presentes na pesquisa ora apresentada. Pode-se dizer que saber discernir entre diferenças existentes entre os conceitos de sexo e gênero é o primeiro passo para ingressar na busca por conhecimento a respeito do referido assunto. Definimos aqui, previamente, esses conceitos que serão explicitados mais detalhadamente no trabalho ora apresentado.

Compreende-se que o conceito de sexo está relacionado a caracteres biologicamente determinados, já o de gênero compreende determinações social e culturalmente constituídas, é a maneira como as sociedades definem padrões aos indivíduos do sexo masculino e feminino. Define-se sexo como o conjunto das características que distinguem os seres vivos, com relação a sua função reprodutora, está relacionado a condições ou diferenças biológicas relacionadas aos corpos humanos. (FERREIRA, 2004).

De acordo com Yannoulas, Vallejos e Lenarduzzi (2000) “o gênero é o modo como as culturas interpretam e organizam a diferença entre homens e mulheres”. As discussões a respeito deste último conceito tiveram início a partir dos movimentos feministas que buscavam não a superioridade em relação aos

homens, mas sim a igualdade de direitos entre estes e as mulheres. É comum haver uma confusão entre os termos feminismo, anteriormente mencionado, e femeanismo, ambos representam significados completamente opostos, significando este último o conjunto de práticas e ideias que têm como principal foco a superioridade feminina sobre a masculina. Ainda de acordo com as autoras supra citadas podemos explicitar movimento feminista como:

[...] movimentos ou conjuntos de pensamentos que defendem a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Muitas vezes são alvos de conotações pejorativas, por entender-se que se trata do contrário do machismo. No entanto, o contrário do machismo, que prega a superioridade do homem sobre a mulher, seria o femeanismo, que pregaria a superioridade da mulher sobre o homem. (YANNOULAS; VALLEJOS; LENARDUZZI, 2000, p. 426).

Continuando a tratar a cerca da pesquisa, e da busca pelo entendimento de como ocorre o modo de vida da mulher no espaço ribeirinho, buscamos identificar os processos que moldam as formas de relações sociais entre homens e mulheres neste território, analisando as relações de poder nos espaços paradoxais. Tal paradoxo só é passível de existência, devido às contradições que se acumulam formando diferenciadas atuações no território por homens e por mulheres, propiciando relações de poder e submissão, determinando os seres que estarão no centro e à margem desses espaços. Sob estes aspectos, damos início à pesquisa em torno das participações de homens e mulheres, analisando as relações cotidianas.

Considerando que as mulheres vêm participando mais ativamente de atividades sociais e buscando se envolver mais com trabalhos geradores de algum tipo de renda e, sob esse aspecto, as jornadas de trabalho se tornaram maiores e que, conseqüentemente, o modo de vida delas foi se modificando, nos indagamos: Como se encontra o modo de vida atual da mulher ribeirinha? Como ocorre a vivência espacial das mulheres ribeirinhas a partir das relações de poder no espaço vivido?

A dissertação possui seus capítulos ordenados primeiramente com uma abordagem conceitual, posteriormente demonstramos a metodologia utilizada, seguida do método empregado, na qual iniciamos descrevendo o *locus* da pesquisa. Nos capítulos subsequentes apresentamos os dados que foram levantados durante a pesquisa e demais considerações.

No primeiro capítulo, intitulado: “Gênero e Ciência Geográfica: abordagem teórica da pesquisa” trabalhamos com alguns conceitos como os de gênero, feminismo, cultura, espaço, geografia feminista e representação, os quais são de fundamental importância para a compreensão a cerca do tema tratado na pesquisa e para a maneira como discutimos e tratamos o conceito gênero enquanto objeto de estudo da geografia. Neste capítulo, ainda, abordamos o espaço ribeirinho e suas peculiaridades.

No capítulo seguinte, descrevemos o *locus* da pesquisa e a metodologia utilizada, com vistas a alcançar os objetivos propostos, citamos dentre as principais concepções metodológicas para a execução desse trabalho, conceituações como: “Espaço Vivido” de Frémont (1980), na qual elementos como sociedade, cultura e demais atividades, até mesmo econômicas se interagem e dão forma às relações de grupos humanos, formando o que explanaremos no decorrer do trabalho, que Frémont caracteriza como “Combinação Geográfica”.

Utilizamos, ainda para auxiliar na compreensão deste mundo vivido aportes fenomenológicos, que colaboram por fornecer um entendimento da experiência humana no espaço vivido, embasados nos conceitos de Buttmer (1985) e Merleau-Ponty (1999).

No que se refere aos procedimentos metodológicos, realizamos uma abordagem qualitativa, com aplicação de entrevistas semiestruturadas, com algumas ocasiões passíveis de serem empregadas perguntas abertas. Além disso, para compreendermos o modo de vida da mulher ribeirinha, a partir de

suas narrativas utilizamos a teoria de História Oral de Meihy (2005). Outro procedimento adotado para a realização da pesquisa refere-se à observação participante, na qual o pesquisador atua em determinada comunidade integrado à ela.

No terceiro capítulo, seguimos com demonstração e discussão dos resultados adquiridos, onde descrevemos e registramos aquilo que observamos em nossas pesquisas de campo. Neste, demonstramos como o modo de vida da população ribeirinha está associado ao ambiente natural e os elementos que o compõem. Enfocamos as relações de gênero nos espaços paradoxais, que são formados por variadas formas de relações sociais, produtoras e transformadoras do espaço humano, espaço ocupado, espaço vivido. Levantamos questões como os tipos de profissões exercidas por homens e mulheres, sobre as tomadas de decisões que se refletem na questão de empoderamento, no caso dos lotes cedidos pelo INCRA para a produção. Fizemos, ainda, um levantamento a cerca da participação em festejos da comunidade, bem como da estrutura e dinâmica da vida familiar e das atividades de lazer na comunidade.

No quarto capítulo, explanamos depoimentos de duas mulheres ribeirinhas, uma a primeira moradora da localidade, que muito teve a nos narrar sobre a história do local e a nos ensinar com é realmente o cotidiano de uma mulher com raízes em uma área ribeirinha. Já a outra mulher, está a apenas quatro anos no Distrito em questão e possui uma visão diferenciada, é a única que já participou como membro da associação de moradores da localidade e tem a percepção de como o cotidiano da mulher ribeirinha singular.

No capítulo quinto, apresentamos uma série de fotografias que possibilitam conhecer um pouco a comunidade. Creio que para aqueles que nunca tiveram a oportunidade de estar nesse lugar seja uma boa maneira de ter uma noção das características da localidade.

A pesquisa nos revelou dados importantes o que se refere às relações de gênero e sobre o modo de vida da mulher ribeirinha, dentre eles podemos citar o fato de que as diferenciações atribuídas aos gêneros masculino e feminino colaboram para a formação dos espaços paradoxais.

CAPÍTULO I

GÊNERO E CIÊNCIA GEOGRÁFICA: ABORDAGEM TEÓRICA DA PESQUISA.



Foto 01: LOPES, Luciane Gomes: Pôr do sol no Rio Madeira, Porto Velho, RO. 2011.

1.1 Abordagens Teóricas da Geografia e Gênero como Categoria de Análise

Trouxemos neste primeiro capítulo um embasamento que torne possível o fornecimento de condições favoráveis à compreensão do modo de vida da mulher ribeirinha, bem como o respaldo atribuído a partir das relações de gênero, na caracterização e formação do espaço ribeirinho. Para compreender esse processo buscamos o engajamento entre alguns conceitos como o de gênero, feminismo, cultura, espaço, geografia feminista e representação.

Contemporaneamente, muitos são os estudos que tratam da condição feminina e das relações de gênero em nossa sociedade, porém no campo da ciência geográfica ainda notamos certa fragilidade destes como objetos de estudo.

A geografia enquanto uma ciência humanística, das relações sociais, deve-se ater ao fato das formas como ocorrem essas relações em determinado espaço, deve considerar, ainda, que dentre os fatores que constroem essas relações encontram-se as diferenças entre homens e mulheres, as quais culminam na segregação de espaços das mais variadas categorias, tanto na área urbana, rural, quanto nos setores domésticos, da ciência ou do mercado de trabalho.

Para uma melhor compreensão a cerca dessas relações embasamo-nos em Yi-Fu Tuan (1976), o qual aborda que a Geografia Humanística reflete sobre os fenômenos geográficos através das relações das pessoas, a compreensão de mundo produz-se a partir de análises entre pessoas e lugar. Utiliza-se o termo lugar em substituição ao de espaço, pois uma vez que ocorre uma relação entre o ser e o espaço o qual habita, este passa a ser dotado de vivência, experiência a qual reflete na criação da identidade de um lugar.

Assim, as relações de gênero, dadas como representações sociais, podem ser avaliadas como categorias que interferem na construção deste, pois homens e mulheres são diferenciados não só biologicamente, mas também culturalmente, fator que implica em diferentes formas para construção de lugares,

pois cada um tem a sua percepção de espaço, assim sendo seus comportamentos se tornam diferenciados. Por esse motivo, o estudo das relações de gênero como forma de relações sociais que ocorrem nos espaços sociais se torna uma importante ferramenta de análise para a ciência geográfica. Porém, nesta, ainda há uma invisibilidade dessas abordagens conceituais.

O condicionamento de diferenças aos sexos é unicamente formado por fatores biológicos, o fato de haver diferentes constituições genéticas entre homens e mulheres não influenciará, isoladamente, nas formas como estes irão se posicionar na sociedade. As demais diferenças atribuídas a ambos são meras construções sociais elaboradas para caracterizar o que é masculino e o que é feminino, fator que acaba por condicionar os espaços a serem ocupados por mulheres e homens, levando-as a permanecer mais nos espaços privados e aos homens nos espaços públicos.

Costuma-se atribuir a mulher o papel da dona de casa, dedicada ao zelo do lar e da família, já ao homem, associa-se o papel de trabalhar fora para manter o sustento da família. Essas construções implicam em diferentes posições a serem ocupadas na sociedade por homens e mulheres, o considerado culturalmente “sexo frágil” passa a ser, sob esses aspectos desprivilegiado.

Diante de questionamentos de relações de poder entre os “sexos”, passou a existir uma maior relevância ao conceito de gênero, que permite desnaturalizar as idéias constituídas culturalmente a partir da prática social, extinguindo a ideia de que as diferenças biológicas são determinantes e justificáveis para atitudes sociais diferenciadas, e até mesmo discriminatórias entre pessoas com capacidades iguais, porém com dessemelhantes caracteres biológicos e genéticos.

Gênero é um agrupamento de ideias e opiniões que a sociedade constrói através de uma cultura do que é ser homem e do que é ser mulher. Tal conceito permite compreender que não são as diferenças dos corpos de homens e mulheres que os posicionam em diferentes hierarquias, mas sim a simbolização que a sociedade faz delas. (SILVA, 2003, p. 23).

Estudar as relações de gênero implica em compreender as formas como os indivíduos ocupam e produzem seus espaços na sociedade. Formas essas representadas sob imputações de características e padrões estabelecidos por estereótipos criados cultural e historicamente, as quais culminam em limitações estabelecidas ao gênero masculino e feminino.

O estudo das relações de gênero pode ser feito sob a perspectiva da Nova Geografia, que de acordo com Christofolletti (1976) preocupa-se em focalizar as organizações espaciais como produto das relações entre o homem e o meio. Deve verificar “como o homem percebe o espaço e se comporta perante ele, tomando suas decisões”. Sendo essas tomadas de decisões fatores que determinam as relações de gênero.

O referido autor adota “o homem” em seus escritos, mas sabemos que o espaço não é ocupado somente por indivíduos do sexo masculino, mulheres também o compõem e são agentes, da sua maneira, tanto no que se refere às relações sociais quanto à produção desse espaço. Portanto, homens e mulheres se comportam diferentemente e têm uma forma de percepção também diferenciada, e é sob esse aspecto que se inserem as relações de gênero como formas de organização espacial.

1.1.1 Do Feminismo à Geografia Feminista

A mola propulsora para a inclusão de estudos sobre mulheres e as condições de gênero foi o movimento feminista. As condições impostas às mulheres na sociedade foram historicamente construídas.

Longos períodos marcados por exclusão e discriminação impediram-nas de participar ativamente de diversos espaços da vida pública, sem direitos civis e públicos passaram a reivindicar condições igualitárias entre homens e mulheres, não igualdade de forças, mas sim igualdade de direitos dando origem a movimentos como o Feminismo. Define-se por movimento feminista:

Refere-se aos movimentos ou conjuntos de pensamentos que defendem a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Muitas vezes são alvos de conotações pejorativas, por entender-se que se trata do contrário do machismo. No entanto, o contrário do machismo, que prega a superioridade do homem sobre a mulher, seria o femeanismo, que pregaria a superioridade da mulher sobre o homem. (YANNOULAS; VALLEJOS; LENARDUZZI, 2000, p. 426).

Comumente se confundem os ideais do movimento feminista. O mesmo almeja a inserção de políticas e práticas sociais que garantam a equidade entre os pares masculinos e femininos. Porém, ocorrem certas distorções de seus objetivos, passando a haver a compreensão deste como um movimento que preza pela superioridade feminina sobre a masculina.

O Feminismo confronta, dessa maneira, com os ideais de uma sociedade androcêntrica, uma vez que busca por igualdade de direitos entre homens e mulheres. Pois esta atribui ao indivíduo do sexo masculino um caráter centralizador dotado de toda superioridade e poder nos grupos sociais. O androcentrismo considera o ser humano do sexo masculino como centro do universo, como o único capaz de se impor e ditar regras e leis para dominar e organizar o mundo. (MORENO, 1999, p. 23).

Os estudos feministas e de gênero compõe uma nova abordagem da geografia, a geografia feminista. Esta passa a fazer parte e colaborar com estudos da geografia cultural. A geografia feminista enquadra-se como uma nova perspectiva de análise que ainda é questionada sobre sua validade frente sua diferenciação e particularidade se comparada à ciência geográfica tradicional. Esta de acordo com Christofolletti (1985, p. 13) era “destituída de todo aparato teórico e explicativo para as atividades humanas” considerava em seus estudos a diversidade da superfície terrestre através de estudos regionais que se restringiam a definições simples das regiões.

Os estudos sobre gênero se enquadram na geografia justamente pelo fato de essas formas de relações estarem presentes na dinâmica de produção do espaço a partir das relações sociais, que se modificam constantemente e interferem na configuração sócio-espacial a que pertencem. De acordo com Joseli

Silva:

A dimensão relacional que a ideia de gênero concebe é a compreensão de que os seres não estão isolados e estáticos e os recortes sociais estabelecidos no processo de pesquisa devem ser considerados de forma relacional e processual na estrutura socioespacial a que pertencem. (2010, p. 40).

Baseando-nos ainda em análises de Ornat (2008, p. 318), a geografia feminista refere-se a uma forma de abordagem da geografia cultural. Essa perspectiva é adotada sob uma análise focalizada da identidade incorporada ao gênero na representação social do espaço.

A representação social do espaço, bem como a incorporação que fatores culturais impõem aos homens e mulheres culminam em diferenciações que determinam a forma de atuação destes no espaço. Tanto em áreas rurais, ribeirinhas quanto em urbanas, a ocupação dos ambientes e as formas de relações mais simples do cotidiano são influenciadas pelas representações e simbolizações atribuídas a ambos os gêneros.

O que culmina como resultado do significado do que é ser homem e do que é ser mulher são as relações de poder que se constroem em determinados ambientes sociais, formando espacialidades diferenciadas pelas condições de gênero.

1.1.2 Geografia e o estudo significativo do significado

Pode-se dizer que a compreensão de espaço como categoria de análise da ciência geográfica já se enxerga como algo banal. O que difere atualmente nos estudos desta ciência com aquela tradicional é a preocupação das causas do significado subjetivo das relações sociais sobre o espaço.

De acordo com Christofolletti nota-se que a geografia humanística tem como base de estudo as formas de organização do espaço baseada nas relações sociais que se dão por aspectos nitidamente humanos, como os valores e as

significações, os quais são subjetivos e moldados diante das experiências de vida de cada indivíduo:

A Geografia Humanística procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o quadro ambiente. É o contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona (1985, p. 22).

Nesta escala de análise, onde se inclui a geografia cultural, o foco de investigação do mundo é formado pelas experiências vivenciadas cotidianamente. Onde as ações humanas e suas mais variadas formas de interpretação produzem o espaço.

Claude Raffestin (1983) em suas discussões sobre o território já incluía análises deste como um produto do que é vivido, resultado das relações cotidianas. Aquilo que é vivido reflete resultados em “todas as escalas espaciais e sociais” (p. 161). Assim, a cultura e o significado atribuído a cada objeto ou forma de relação irão formar e caracterizar o espaço, também verificado como um espaço-ação.

É nesse espaço-ação, espaço vivido, que os significados são formados, cada cultura, cada indivíduo terá sua compreensão específica do espaço. O significado existe a partir dos signos, os quais se compreendem por objetos, formas ou relações entre pessoas que compõe determinado espaço, estes são passíveis de interpretações que sucedem os significados e colaboram para a compreensão de processos geográficos.

As interpretações (sentidos) dos signos reproduzem no espaço uma grande variabilidade de intenções e objetos existentes na sociedade. Mas esta variabilidade não significa que as relações sócio-espaciais são aleatórias e livres. Ao contrário, elas são embutidas em contextos sociais claramente delimitados e localizados em regiões sociais. [...] o entendimento dos signos é essencial para a geografia e sua epistemologia espacial. Os signos, sim, participam na construção dos espaços, mas são apenas formadores mentais de espacialidades. (SAHR, 2007, p. 63).

A partir disso, podemos compreender que as interpretações, denominadas também de sentidos, dependem de um contexto social. Ao pesquisarmos, por exemplo, moradores de áreas urbanas, rurais ou ribeirinhas devemos considerar o contexto social do qual cada um faz parte. Perante às reflexões de Cruz sobre processos territoriais verificamos:

[...] procesos y dinámicas sociales tienen en cada cultura morfologías e configuraciones precisas. Es en esas estrategias y procesos territoriales donde se elabora el sentimiento básico de posesión y de reconocimiento de pertenencia. Este sentimiento se construye tanto desde la representación física propiamente dicha, como desde una representación más intelectual y espiritual (CRUZ, 2009, p. 29).

Pois a forma de relação deste com o meio e até mesmo o seu tempo (tempo de acordar, de realizar trabalhos, dentre outros) se dão de maneira diferenciada. Uma mulher ribeirinha certamente não terá as mesmas atribuições de uma mulher da área urbana. Outras situações cotidianas também se diferenciam de acordo com as particularidades de cada área, como o acesso à informação e comunicação que em algumas áreas ribeirinhas e rurais é restrito. É nesse sentido que nossa pesquisa volta-se à análise da participação feminina no espaço ribeirinho, delimitado ao Distrito de Nazaré, através de investigações sobre a forma como elas se percebem nesse ambiente e como o consideram.

O uso do território e a participação de cada indivíduo neste é algo influenciado por fatores diversos. Cruz (2009, p. 27), afirma que “el uso social del territorio no se puede tomar em abstracto: se concreta em domínios culturales tales que el parentesco, la economía, la salud, la política, la religión, entre otros”. A partir de nossos estudos podemos verificar que nesse “entre otros”, que a autora cita, as relações de gênero estão passíveis de serem inseridas, pois fazem parte das relações sociais, sendo cultural e tradicionalmente construídas.

Dessa maneira, os signos ou significados passam a influenciar nas formas de relações sociais bem como na estruturação e construção dos espaços. Determinando subjetividades e espacialidades, tornando-se fator validável como objeto de estudo da ciência geográfica.

1.1.3 As relações de gênero no espaço

Compreender o espaço social e as relações que nele ocorrem se torna uma tarefa interminável de análise e reconstruções de idéias, uma vez que estas relações são dinâmicas e temporais. As relações sociais são agentes que moldam a estruturação do espaço, cada membro desse espaço social, através de seu conjunto de atividades, estará influenciando no desenvolvimento do espaço. E nessas relações estão inclusas as relações de gênero.

(...) o espaço evolui por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais. (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total (SANTOS, 1987, p. 71).

Ainda de acordo com o autor (1987), pode-se dizer que variados processos influenciam nas determinações de organização do espaço social, dentre eles: econômicos, institucionais e culturais. E é nesse contexto que homens e mulheres irão realizar suas atividades no meio rural, com diferentes formas de manejo com a terra e de participação na vida tanto social quanto privada.

Como estamos tratando aqui de espaço social, cabe nos utilizarmos, para uma melhor compreensão, da definição que Claval (2009) cita de E Dubet (2006, p. 1085): “A noção de sociedade se impõe quando [...] nem Deus, de um lado, nem os contratos passados entre indivíduos racionais e independentes, do outro, parecem capazes de explicar a estabilidade, a reprodução e a mudança das formas da vida social”.

Dessa maneira, entendemos então que a sociedade pode ser explicada por fatores como tradição, cultura e transmissão de atitudes e valores. Considerando que o espaço não é algo estático, afirmamos que a realidade social é moldada de acordo as mudanças territoriais. Então quando há uma variação entre as diferentes sociedades devemos considerar que se variam também as

formas de comportamentos dos seus indivíduos. Pois cada uma terá suas particularidades, necessidades e espacialidades peculiares.

Compreender a organização do espaço social implica não somente em analisar o espaço em si, mas sim as relações sociais do cotidiano. De acordo com Werllen (2000, p. 21) “o objetivo da geografia humana fenomenologicamente fundamentada não deve ser mais o de analisar somente o espaço, mas principalmente as relações do cotidiano, produzidas pela ação social”, dentre as quais se inserem as relações de gênero. As diferenças impostas a homens e mulheres são construídas social e culturalmente, devendo fazer parte do campo de estudo da Geografia, mais especificamente da Geografia Cultural.

O espaço social para Armand Frémont (1980) é também um espaço vivido, trata desse como um objeto de estudo em comum da sociologia e da geografia. É no espaço social onde os indivíduos ou grupos movidos por interesses entrarão em oposições, confrontos ou colaborações:

O espaço social não é neutro. O jogo social desenrola-se, do indivíduo ao grupo ou entre grupos, segundo relações que se denominam tensões, oposições, lutas, ou então solidariedades, colaborações ou compromissos. E deste jogo, impulsionado pelos interesses materiais, são as oposições de classe que dão a regra. (1980, p. 36).

Sob esses aspectos, verificamos que as relações sociais de gênero, instauradas culturalmente fazem parte da série de fatores que contribuem para a caracterização do espaço. Limitações e características impostas às mulheres e aos homens historicamente vão delimitar a forma como cada um ocupará determinado espaço social.

Gênero¹ trata-se das relações desiguais de poder impostas culturalmente entre homens e mulheres, relações estas que vêm a influenciar nos modos de

¹ A categoria gênero provém do latim *genus* e refere-se ao código de conduta que rege a organização social das relações entre homens e mulheres. Em outras palavras, o gênero é o modo como as culturas interpretam e organizam a diferença entre homens e mulheres. (YANNOULAS, VALLEJOS, LENARDUZZI, 2000, p. 427).

organização e representações sociais.

Gênero é o modo como as culturas interpretam e organizam a diferença entre homens e mulheres. Não se trata de um atributo individual, mas que se adquire a partir da interação com os outros e contribui para a reprodução da ordem social. (YANNOULAS, VALLEJOS, LENARDUZZI, 2000, p. 427).

Assim fundamentados, torna-se possível a compreensão a cerca dos conceitos de gênero e de sexo, da diferença entre ambos e como a construção cultural implica na formação e na organização dos seres nos espaços aos quais habitam.

1.1.4 A Cultura como determinante da segregação de espaços: uma análise a partir da geografia cultural

Como estamos tratando, desde o início de nossas discussões, sobre a geografia como uma ciência humanística é válido tratar dessa a partir das análises de Claval (2001) quando define que a mesma estuda as formas de relações entre os seres humanos e as atividades que exercem no meio do qual fazem parte. O autor menciona, ainda qual deve ser o foco de análise do geógrafo humanista: “O geógrafo debruça-se sobre os laços que os indivíduos tecem entre si, sobre a maneira como instituem a sociedade, como organizam e como a identificam ao território no qual vivem ou qual sonham”. (2001, p. 11).

Deve-se ater, até mesmo, ao fato de que as maneiras como os seres humanos irão se organizar num determinado território e as formas com as quais eles irão instituir suas relações sociais são ações constituídas pela cultura. Ainda de acordo com Claval (2001), “a cultura é constituída de realidades e signos que foram inventados para descrevê-la, ela constitui uma ordem ideal na qual os indivíduos procuram se enquadrar”.

Assim, o ser humano como agente num espaço social nada mais é do que o resultado, ou até mesmo um produto elaborado pela cultura. A noção que

este tem do que lhe é cabível, como, por exemplo, suas responsabilidades, seu modo de agir e até mesmo de sentir é uma elaboração cultural.

1.1.5 A Geografia Cultural

No campo das análises de Geografia Cultural, a cultura é tratada como uma construção social particular a determinados grupos da sociedade. De acordo com Linda McDowell (1996):

Cultura é um conjunto de idéias, hábitos e crenças que dá forma às ações das pessoas e à sua produção de artefatos materiais, incluindo paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Idéias culturais são expressas nas vidas de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses conjuntos de idéias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e no espaço. (1996, p. 161).

A Geografia Cultural traz no bojo de suas análises uma diversificação de objetos do cotidiano, de representação da natureza, construção social e de identidades baseadas em lugares.

O lugar, tanto quanto o espaço, foi atrelado a noção de performatividade, transformando a ideia de pré-existência e fixidez para a noção de lugares que são construídos a partir de performances [...]. A nova Geografia Cultural tendeu a superar a apreensão das paisagens através dos elementos materialmente evidentes e trouxe para o foco de estudos as atividades da vida cotidiana, provocando o crescimento da afinidade até então inexistentes entre ambos os campos de estudos. (SILVA, 2009, p. 231).

Logo, constata-se que a cultura determina o lugar, conforme Silva (2009) as performances referem-se ao conjunto de relações sociais que segregam e delimitam as ocupações dos lugares. Nos lugares, tanto no lar familiar como em algum ambiente de trabalho, ocorrem as divisões de tarefas e a formação de hierarquias. Estas são formas de estabelecimento das relações cotidianas

As relações humanas são caracterizadas pela existência de uma série de

entraves, que culminam em prejuízos principalmente para as mulheres. A sociedade humana age através de sua cultura no espaço natural, de acordo com Montecino (1997) a mulher assim como a natureza é passível de ser controlada pela cultura, representada pelo sexo masculino através de uma associação entre mulher e natureza e homem e cultura. A desvantagem das mulheres no que se refere às posições sociais, quando comparada com as dos homens predomina historicamente nos mais variados setores sociais, relacionando-se as mulheres à reprodução, fragilidade e os homens à criatividade e a força.

[...] las culturas reconocen y hacen una diferencia entre la sociedad humana y el mundo natural. La cultura intenta controlar y trascender la naturaleza, la usa para sus fines. La cultura, así, aparecería como superior a la naturaleza. Las mujeres serían asociadas simbólicamente con la naturaleza mientras que los hombres con la cultura. Así como la cultura controla y trasciende la naturaleza, es natural, que la mujer, en virtud de su asociación con la naturaleza deba también ser controlada y constreñida. Estas asociaciones simbólicas se deberían a que las funciones reproductoras de la mujer la hacen aparecer como encerrada en la biología. (Un cuerpo mimético a los ciclos naturales) Los hombres estarían relacionados con el sentido cultural de la creatividad (tecnología, símbolos); la creatividad de la mujer está naturalmente realizada a través del proceso de alumbrar, de parir hijos: la mujer crea naturalmente, desde sí misma, el hombre se ve forzado a crear artificialmente. (MONTECINO, 1997, p. 18).

A mulher é percebida no meio social como dotada de uma função reprodutora, atrelada a caracteres biológicos e ciclos naturais. Sendo como ápice de sua existência e realização o fato de parir seus filhos. Já os homens são vistos como os seres criativos, capazes de lidar com tecnologias e domínio de determinadas situações, como as relacionadas à vida familiar e do trabalho gerador de renda.

Partindo desses aportes teóricos de cultura e sua atuação no lugar, no espaço das reações sociais, notamos que as delimitações culturais aos gêneros são capazes de influenciar na forma de atuação dos diferentes pares em diferentes setores do espaço social.

A geografia cultural se insere na perspectiva humana desta ciência, com um dinamismo diferenciado da geografia tradicional. Busca a compreensão das relações entre o homem e o meio, de seu mundo vivido como ambiente das relações cotidianas, carregado de experiências e de simbolizações, baseado em sentidos e valores.

1.1.6 Cultura e relações de gênero

As sociedades humanas, nos mais variados espaços, são produtos de processos históricos e de culturas. Cada cultura, a qual é variável e mutável ao longo do tempo, determina as formas das relações sociais entre indivíduos e indivíduos, bem como entre estes e o ambiente do qual fazem parte. A cultura indicará as relações entre os indivíduos sociais:

Cada um é chamado a desempenhar um papel diferente segundo seu sexo, sua idade e suas capacidades técnicas ou intelectuais, numa ou noutra profissão ou função. Cada um está vinculado aos outros por uma rede complexa de relações. Diferentes arquiteturas sociais são possíveis. Elas são capazes, mas não com a mesma eficiência e o mesmo estilo, de assegurar o funcionamento e a dinâmica do conjunto. (CLAVAL, 2001, p. 109).

Dessa maneira se dá o ordenamento das dinâmicas sociais, através de um sistema de relações complexo, no qual variados fatores implicam num funcionamento espacial com atribuições e ocupações de lugares diferenciados.

A questão das hierarquias em micro-espços como os domiciliares, por exemplo, impõe formas de atuação diferenciadas ao homem e a mulher (pai e mãe). Pois foi tradicional e culturalmente imposto que o chefe da família é o homem, este é o responsável pelo sustento e condição econômica da família através da sua atuação (trabalho) no espaço fora de casa, já a mulher a qual foi dado o nome de “dona-de-casa” é a responsável pelos cuidados com o lar e com os filhos, sendo o seu espaço o privado (doméstico). Mas, mesmo atribuindo a elas tal definição “dona”, o poder e tomadas de decisão verifica-se mais verticalizado ao homem, já que a este foi imputado maior responsabilidade e

poder.

Há muito tempo verificou-se que questões condicionadas ao gênero culminaram em resultados não positivos ao estabelecimento do sexo feminino na sociedade. Frémont (1980), ao citar em sua obra o exemplo das cidades e das aldeias do Islão contribuiu para a compreensão da segregação dos seres no espaço:

No mesmo plano, o espaço vivido das mulheres distingue-se dos homens. (...) O espaço é constituído por um encaixe de células fechadas solitárias umas das outras, mas cuidadosamente distintas: a cidade, a casa, o quarto (...). As mulheres vivem em círculos muito estreitos, quase secretos, entre a casa familiar, o banho, algumas lojas vizinhas. Os homens acedem um espaço muito mais amplo (...) (FRÉMONT, 1980, p.178).

Como já mencionamos que o espaço não é algo estático, muito menos as relações sociais que nele ocorrem tem-se a noção de que o exemplo supracitado vem se tornando menos expressivo na atualidade. Mas já foi considerado tradicionalmente como um modelo de distribuição espacial. Tão logo, se podem perceber as relações de gênero como resultados culturais.

1.1.7 Espaço ribeirinho e intersubjetividades locais

Pesquisar comunidades ribeirinhas nos permite a compreensão a respeito de um espaço que se caracteriza por um modo de viver perceptivelmente diferenciado daquele que pode chamar-se de urbanizado, do qual fazemos parte.

O espaço ribeirinho é caracterizado por sua cultura, seus povos e seu vasto ambiente natural. Ser ribeirinho não se justifica somente pelo fato de morar às margens de um rio, é se relacionar diretamente com o ambiente do qual faz parte, é viver para seu meio e do seu meio.

Ribeirinho enquadra-se em um termo mais abrangente denominado de

populações tradicionais. Mas como se pode definir ou caracterizar os ribeirinhos como populações tradicionais? Primeiramente devemos conceituar populações tradicionais que de acordo com Diegues (1994) são comunidades possuidoras de um modo de vida singular, que vivem em harmonia com a natureza, conhecendo seus ciclos e aproveitando os recursos que esta os pode oferecer de maneira simples e como o mínimo de impacto sobre a mesma.

O meio natural exerce forte influência na vida dessas comunidades tradicionais, estas se aportam de uma simbologia e de representações míticas que são incontestáveis quanto sua validade e existência, a exemplo, citamos a existência de seres da floresta e do rio, os quais são idealizados e incorporam seu cotidiano. Os conhecimentos a respeito do uso dos recursos naturais e a simbologia são passados de geração a geração, mantendo a cultura e os modos de vida das, por isso, denominadas populações tradicionais.

Assim, ribeirinho, ao ser considerado como um povo tradicional deixa claramente perceptível que pode ser inserido neste conjunto a partir de seu modo de vida e relação com o meio ambiente natural, pelas técnicas de produção que utiliza e, em um sentido mais abrangente, por sua maneira própria de se organizar no espaço em que está inserido.

No espaço ribeirinho, os indivíduos possuem um vínculo de pertencimento que caracteriza suas atividades sob o mesmo, um comportamento particular presente tanto no que se refere às práticas voltadas às atividades de manejo com a terra, quanto às voltadas a atividades sociais.

De acordo com Gomes (2007) paisagem, região e outros lugares, exclusas as suas características meramente físicas, são estruturados por uma rede simbólica e complexa. Esta rede é composta de valores e representações. Referindo-se a esses lugares, citamos o espaço ribeirinho como um ambiente construído por valores e formas pré-estabelecidas que influenciam nas formas como seus indivíduos irão se posicionar e interrelacionar, diferenciando-se diante desses fatores, as características e atribuições impostas aos diferentes gêneros nesses espaços.

A organização espacial, atividades econômicas, os momentos de lazer os tornam singulares. A sobrevivência dos ribeirinhos vincula-se principalmente às pequenas produções agrícolas, na qual se inclui com maior expressividade o cultivo da mandioca para a produção de farinha, do açaí (*Euterpe oleracea*), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*) e melancia (*Citrullus lanatus*). Tais atividades são itens que compõe a vida e a construção do sujeito ribeirinho.

A relação entre o ribeirinho com o seu mundo vivido, espaço de suas experiências, pode ser analisada sob a ideia de intersubjetividade de Buttimer (1985), pela concepção de que esse indivíduo assume papéis no seu dia-a-dia que são formados a partir de um legado sócio-cultural. Nesse aspecto, a forma de ocupar o espaço, de se relacionar com os objetos e seres naturais, bem como as representações míticas que marcam presença nas áreas ribeirinhas, possui um aspecto determinante sócio-cultural tradicional, pois os saberes e os valores são transmitidos nesses setores através das gêneses familiares, mantendo a tradição e as características do então espaço ribeirinho e dos povos que nele vivem.

CAPÍTULO II

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA: DESCREVENDO O LÓCUS DA PESQUISA



Foto 02: Acervo GEPGÊNERO, Placa da entrada principal do Distrito. Nazaré, RO. 2011.

2.1 CARACTERIZANDO A ÁREA DA PESQUISA

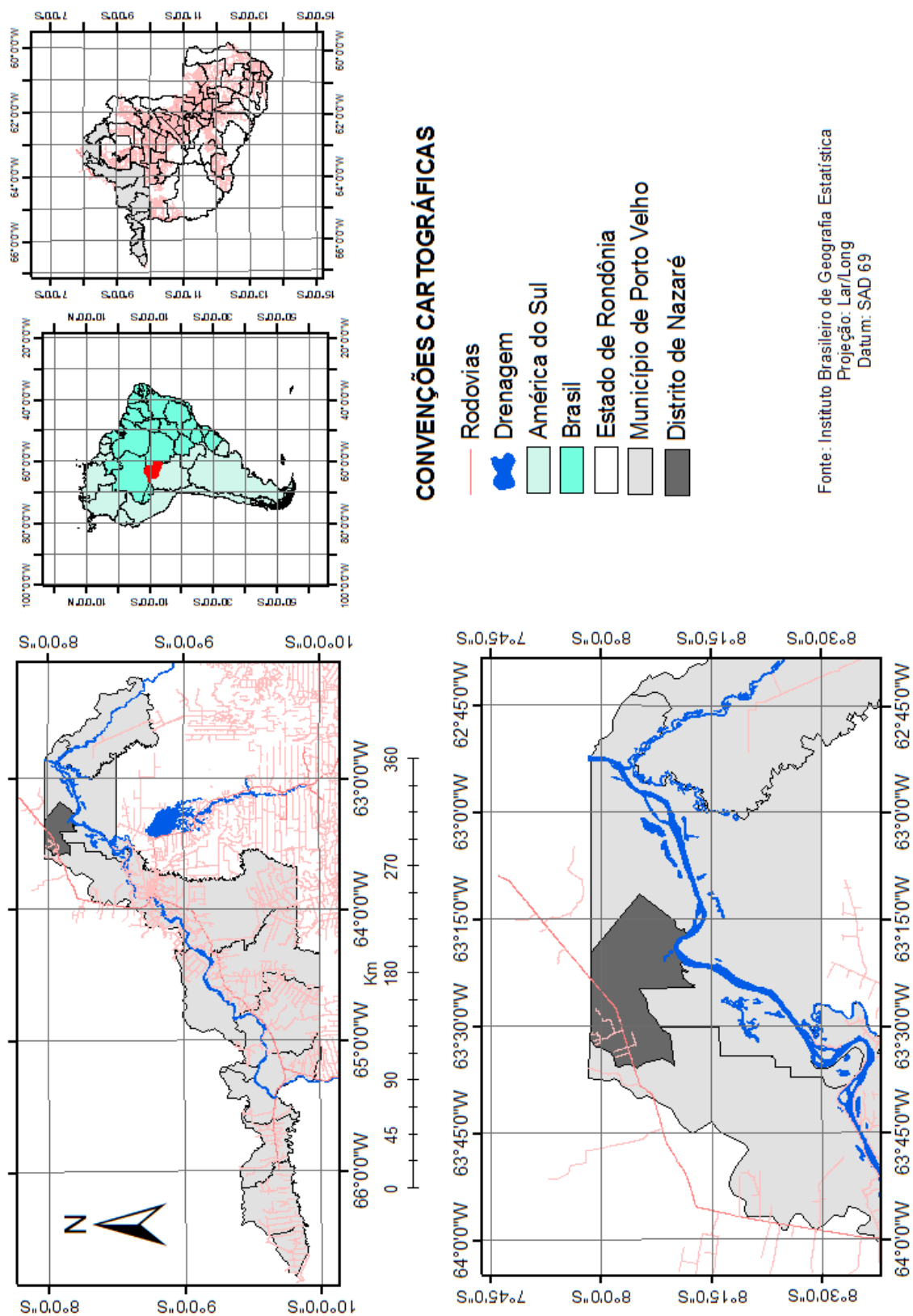
O Distrito de Nazaré é uma Comunidade Ribeirinha localizada à margem esquerda do Rio Madeira, região mais popularmente conhecida por Baixo Madeira, aproximadamente a 100 Km, à jusante do rio , partindo da cidade de Porto Velho (figura 01).

A economia local baseia-se principalmente no extrativismo e na agricultura, sendo o primeiro de produtos como açaí e castanha e o segundo de frutas como melancia, cupuaçu e banana por exemplo. Atualmente, a pesca já não é tão praticada para a comercialização, mas sim para própria subsistência. Existe na localidade um escritório da EMATER que auxilia os agricultores. Há também, alguns empregados no funcionalismo público, trabalhando nas escolas do Distrito e no posto de saúde.

As residências da comunidade são em sua maioria de madeira e piso na aguada, porém, ainda restam muitas residências palafitas, há um considerável número de residências sendo reformadas de alvenaria. Não há ruas na localidade, há apenas duas calçadas principais, uma em paralelo com o Rio Madeira, outra paralela ao Igarapé Boca do Furo e uma pequena praça em formato de melancia, em homenagem a festa que ocorre todos os anos, na qual, há uma série de concursos, dentre eles o da maior melancia. O festejo movimenta o Distrito e pessoas de várias localidades se dirigem para o local para participar do evento, pousadas ficam lotadas.

Segundo dados obtidos no posto de saúde da localidade, onde constam informações quantitativas sobre as famílias, constatamos que o Distrito possui 127 famílias, totalizando 448 habitantes. A gestão pública do local é de responsabilidade de um administrador indicado pelo prefeito.

Figura 01: Mapa de localização do Distrito



Org. CRUZ, M. L (2013).



Foto 03: LOPES, Luciane Gomes: Pracinha em formato de melancia, na entrada do Distrito, em homenagem ao Festejo que mais movimentava a localidade, no mês de agosto.



Foto 04: LOPES, Luciane Gomes: calçadão paralelo ao Igarapé Boca do Furo (via de circulação principal).



Foto 05: LOPES, Luciane Gomes: modelo de residência mais comum da localidade, em madeira e sob palafitas.

A energia que supre o Distrito é proveniente de um gerador que pertence à empresa GUASCOR². A água que abastece o Distrito provém do igarapé Monte Cuniã, o qual é conhecido popularmente como Boca do Furo. Este igarapé separa o Distrito de Nazaré do de Boa Vitória.

Quanto à captação atual da água para o consumo da população, esta é realizada diretamente do igarapé da comunidade através de processos manuais ou de bombas elétricas. A qualidade da água torna-se mais frágil nos períodos em que o rio começa a subir ou a descer, devido grande quantidade de sedimentos³ que se avulta devido essa movimentação, reduzindo, até mesmo, a qualidade da água filtrada.

² Trata-se de um grupo que atua na geração de energia elétrica na condição de Produtor independente de Energia, a partir de exploração de pequenas centrais hidrelétricas. O mesmo possui filial em Pará, Rondônia e Acre.

³ São materiais sólidos depositados no leito dos lagos e rios devido às enxurradas e decomposição de matéria orgânica



Foto 06: LOPES, Luciane. 2012. Central de abastecimento de Energia do Distrito de Nazaré

Quanto às formas de organização e de assistência social, o Distrito conta com um posto de saúde, uma escola de ensino fundamental e outra escola que oferece o ensino fundamental e médio.

A administração da área, no momento, encontra-se a cargo do Sr. Pedro Bastos da Silva, nomeado pelo prefeito do município de Porto Velho, o mesmo trata da gestão local, bem como de assuntos referentes à educação, saúde e moradia da população.

Os moradores também possuem uma forma de organização através de uma associação denominada AMPAM (Associação de produtores, Amigos e Moradores do Distrito de Nazaré), a qual corresponde aos moradores no que se refere às questões sociais. Essa associação foi criada a partir da atuação do Projeto Beradão⁴ nessa localidade.

⁴ Realizado 1997 a 2001, possuía entre seus principais objetivos a compreensão do modo de vida e cultura de populações tradicionais. Apoiando pesquisas científicas e culturais que promovessem a melhoria da qualidade de vida de populações tradicionais da Amazônia.

2.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

2.2.1 Considerações do lócus da pesquisa

Fazer parte do espaço amazônico contribui para o interesse em investigar esse ambiente onde ocorrem as mais variadas formas de inter-relações entre o ser humano e o espaço o qual habita. Compreender esses aspectos implica em um conhecimento a cerca de processos que caracterizaram e caracterizam as configurações atuais. Fato que propiciou os processos de ocupação dessas áreas amazônicas foram os processos migratórios ocasionados por fatores como a seca no Nordeste e pela produção da borracha no período da II Guerra Mundial.

Em um país de diversidades culturais, geográficas e étnicas como o Brasil é necessária uma análise diferenciada das realidades das relações, sejam elas a relação entre ser humano e espaço o qual habita, ou entre seres humanos. Entre ambas as formas cabem análises sob o enfoque de gênero. A pesquisa trata-se de uma investigação dessas formas no espaço ribeirinho, delimitado ao Distrito de Nazaré, a partir do qual verificamos como as diferenças entre gêneros influenciam nas formas de ocupação e relação social que fazem parte do cotidiano das comunidades ribeirinhas.

Compreender a realidade referida implica em conhecer como ocorre o cotidiano dos sujeitos em seu espaço de vivência. Buscamos investigar o cotidiano da mulher ribeirinha e as formas de relações sociais que colaboram para a produção do espaço sob o enfoque das relações de gênero tanto no ambiente privado, quanto no público.

A abordagem sobre as formas relacionais quanto ao gênero e as formas de organização e ocupação de determinadas posições no espaço ribeirinho embasa-se a partir da consideração de uma construção social e histórica de papéis e identidades atribuídas ao masculino e ao feminino. Tal abordagem possibilita compreender como a mulher atua no grupo qual pertence. Estudar as relações de gênero implica em compreender as formas como os indivíduos ocupam seus espaços. Formas essas representadas sob imputações de

características padrão estabelecidas por estereótipos criados cultural e historicamente, as quais culminam em limitações estabelecidas ao gênero masculino e feminino.

A contextualização aqui apresentada somou-se a um levantamento teórico e a um conhecimento, *a priori*, a respeito das comunidades ribeirinhas e das relações entre os gêneros nestas e, principalmente, da condição feminina, contribuindo por nortear a escolha e elaboração dos métodos de investigação e análise de dados adquiridos, fundamentais para a execução da pesquisa.

Analisar uma área sob a ótica das relações entre seus habitantes, no caso de nosso trabalho, a partir das formas como se dão as relações de gênero, como os indivíduos se distinguem como homens e mulheres, de que maneira ocupam e reproduzem seus espaços e tomam suas decisões, se torna em um exercício de percepção e investigação incansável na busca de uma melhor forma de abordagem metodológica.

O espaço focal de nossa dissertação, Distrito de Nazaré, fica distante do município de Porto Velho e a única via de acesso é hidroviária, através do rio Madeira. O percurso é longo, se gastam cerca de seis horas descendo o Rio até a chegada ao referido local, isso em barcos recreio⁵, opção adotada, para voltar o tempo de viagem é mais prolongado.

O fato de a comunidade possuir comunicação limitada não faz com que, por esse motivo, as pessoas que ali residem sejam arredias ou se mostrem perceptivelmente desconfortáveis com a presença de pessoas alheias a elas. Pelo contrário, as equipes de pesquisadores que para lá se deslocam são bem recepcionadas e acolhidas. O que facilita uma abordagem e um contato com a realidade deles.

Por esse motivo, a adoção de instrumentos de coleta de dados, como as entrevistas, se torna adequada para a investigação. Ressalta-se, ainda, a importância da adoção correta de instrumentos da pesquisa, pois estes são um dos principais fornecedores de nossas informações.

⁵ Barcos construídos de madeira e cascos em resina reforçada ou fibra de vidro.

Para a fase de elaboração dos instrumentos é cabível que se tenha um conhecimento prévio da região e das características de seus habitantes, é preciso ter uma base de como ocorrem variadas formas de relações de seu cotidiano e das experiências e modo de vidas dos mesmos.

Devemos considerar que a percepção de mundo dos ribeirinhos e demais populações tradicionais se diferencia da nossa, que vivemos em um meio urbano, freqüentamos espaços acadêmicos e estamos sujeitos as mais diversas fontes de informação. Ao entrevistarmos uma mulher ribeirinha, por exemplo, nos é oportuno saber distinguir sua forma de se enquadrar em diversos espaços de sua sociedade. A noção de tempo também se diferencia e a relação que o habitante ribeirinho tem com seu meio natural idem.

Considerando que esta pesquisa surge da análise do espaço ribeirinho e das participações sociais no mesmo a partir das relações entre os gêneros, não podemos avaliar essas condições distanciadas do contexto cultural e do modo de vida próprios do ribeirinho, de como tais condições se averiguam sob uma análise geográfica, e também de uma geografia feminista.

2.2.2 Concepções metodológicas da pesquisa

O espaço ribeirinho analisado pela ciência geográfica deve ser definido pelo viés do espaço vivido, precisando ser consideradas suas singularidades próprias. Ao iniciar uma análise sob a ótica do espaço vivido, nos deparamos com determinada subjetividade, o envolvimento do pesquisador com os atores e demais componentes, presentes na pesquisa traz a possibilidade de uma captação vasta de informações que devem ser filtradas, devido à informalidade que acaba por fazer parte da interação entre os indivíduos envolvidos.

Para compreensão a cerca da realidade e do cotidiano da comunidade estudada partimos, primeiramente, da consideração do ambiente ribeirinho sob a conceituação de espaço vivido de Frémont (1980) que trata desse como um objeto de estudo em comum da sociologia e da geografia. Frémont, (1980, p.178)

quando trata de espaço e seus valores, aborda que a organização deste “assente no enraizamento, quer dizer, na ligação dos homens à terra, da casa à região”, assim, o estudo de uma localidade como o Distrito de Nazaré deve considerar a ligação de seus habitantes com o lugar.

O referido autor faz a afirmação ainda de que “todo lugar tem significado. Combinações de elementos econômicos, ecológicos, sociológicos e demográficos, num espaço reduzido, o lugar visualiza-se através duma forma que se integra na paisagem local e regional”. (p. 139).

Esses elementos juntos formam o que Frémont chama de “combinação geográfica” onde as inter-relações entre sociedade, cultura e atividades econômicas dão forma às relações entre grupos e a imagem que homens e mulheres irão ter do mundo. O esquema abaixo se refere a essa combinação (1980, p. 106):

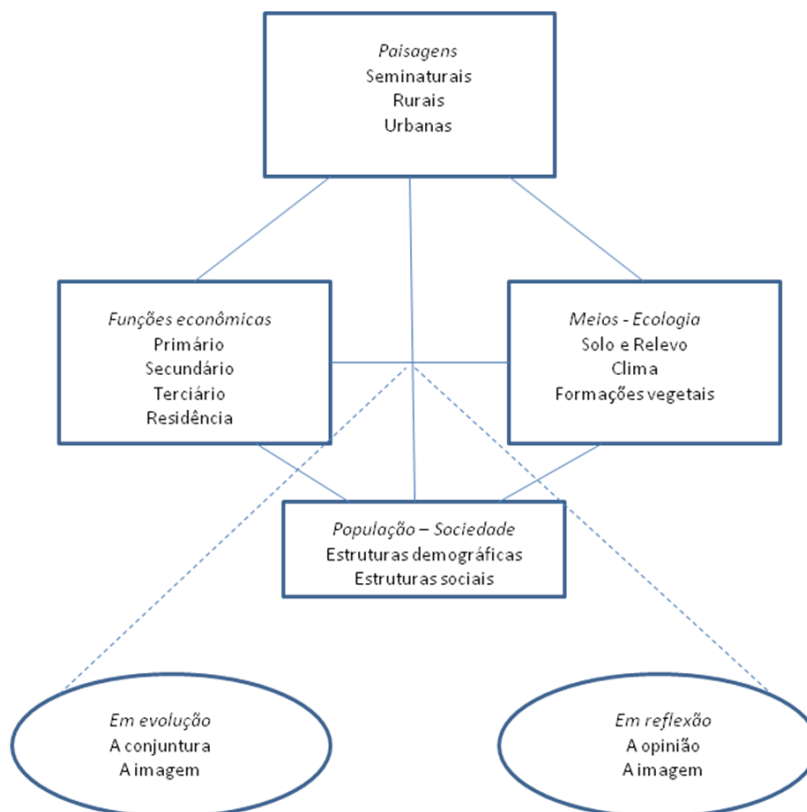


Fig. 02. A combinação Geográfica de Frémont. Esquema.

Os objetos, formas, cultura e as relações entre os indivíduos de um

mesmo espaço são passíveis de interpretações, estes se denominam signos. As interpretações desses signos se inserem nesse esquema da “combinação geográfica” e colaboram na compreensão que o indivíduo terá de mundo e de si próprio. Insere-se nessa perspectiva ainda a cultura que reflete na imagem do ser em sua estrutura social.

Como tudo isso ocorre em um jogo de relações em determinado espaço, não podemos deixar de considerar a mobilidade deste, uma vez que o espaço não é algo estático. Logo, considera-se que todo este panorama de relações está conectado um ao outro e em um processo de evolução e modificações e que cada tipo de relação é variável de acordo com as especificidades de cada região a ser estudada.

Ainda perpetrando uma investigação a cerca da abordagem de análise do espaço vivido, tem-se como um fundamental aporte a explicitada por Gomes, 2007:

O espaço vivido deve, portanto, ser compreendido como um espaço de vida, construído e representado pelos atores sociais que circulam neste espaço, mas também vivido pelo geógrafo que, para interpretar, precisa penetrar completamente este ambiente. (p. 319).

Sob estes aspectos verifica-se necessária uma interação entre o pesquisador com ambiente analisado, onde se torne possível a visualização de todos os componentes que integram, caracterizam e estruturam a área investigada, sejam eles representativos, fenomenológicos ou concretos, aqueles objetos já criados por seus moradores diante das suas necessidades.

Aportes fenomenológicos auxiliam na compreensão deste mundo vivido, na compreensão de que espaço e tempo se vinculam na experiência de vida de agentes sociais em determinado espaço. De acordo com Buttimer (1985) “um dos meios ambientes (mundo) exercem papel dinâmico na experiência humana”, o espaço é onde se concretiza a experiência de vida, onde o indivíduo busca um significado a partir da vivência de acordo como grupo ao qual se integra.

Além de Buttimer, outro teórico buscado para embasar nossa compreensão a cerca da fenomenologia foi Merleau-Ponty, que traz para a ciência, a possibilidade de se observar e compreender os lugares a partir da visão de mundo e das experiências vividas de nossos sujeitos da pesquisa, no caso, os ribeirinhos, mulheres ribeirinhas que narrem suas experiências de vida tornando possível fazermos uma análise sobre seu modo de vida e sua atuação enquanto agentes sociais.

Após uma abordagem fenomenológica se torna possível uma melhor forma de observar e analisar o espaço vivido da comunidade ribeirinha. Para melhor discernimento, a respeito da utilização desta como aporte metodológico, é necessário o conhecimento a respeito do conceito de fenomenologia, para isso nos embasamos na teoria de Merleau-Ponty que a define:

[...] A fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade". É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma 'ciência exata', mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo "vivididos" (1999, p. 01).

Quando Merleau-Ponty trata do relato do espaço, devemos considerar que só poderá haver relato se houver experiência vivida. Assim, o pesquisador ao entrar em contato direto com o seu "objeto" de pesquisa, e com os sujeitos que irão colaborar para o desenvolvimento da pesquisa traz à tona a possibilidade de reconhecer a forma de representação de mundo e dos lugares que esses indivíduos possuem, bem como pode observar a forma como ele próprio se percebe no espaço o qual está inserido.

Buttimer (2008) nos deixa claro, ainda de acordo com o enfoque fenomenológico, que o espaço possui em sua dinâmica uma situação relacional entre coisas e pessoas. O que favorece a constituição do espaço a partir da existência humana e suas experiências vividas sobre este. A mesma autora

propõe ainda uma reflexão a respeito de como a experiência vivida é estudada nas ciências do espaço:

A mensagem-chave da fenomenologia para o estudante do espaço social é que muita de nossa experiência social é pré-refletida: é aceita como dada, reforçada através da linguagem e da rotina e, raramente, se é que acontece tem de ser examinada ou mudada (p. 182).

Sob esse aspecto, considera-se que nossas atitudes em determinado espaço social, nossa forma de relações sociais neste são reflexos daquilo que nos é tradicional e culturalmente repassado. Assim os indivíduos atuam em seus espaços sociais a partir de uma herança cultural, exercendo influência em seus modos de vida.

A análise da comunidade ribeirinha aqui pesquisada se configura sob este aspecto, das relações entre as pessoas com o seu ambiente, do enquadramento de homens e mulheres nos espaços tanto públicos quanto privados, buscando conhecer como a mulher ribeirinha se percebe no ambiente em que está inserida, verificando a questão do empoderamento na família e a pré-disposição à influência da tradição, ou cultura que distingue os diferentes gêneros e suas respectivas formas de atuar no espaço.

Tratamos de empoderamento como o resultado de uma alteração na estrutura social, tanto em termos econômicos, políticos quanto educacionais, que coloca a mulher em uma posição de inferioridade. Movimentos feministas e até mesmo abordagens acerca do estudo das relações de gênero são colaboradores para que haja essa transformação no quadro das relações humanas.

2.2.3 Procedimentos metodológicos

2.2.3.1 A pesquisa qualitativa

Para análise do espaço vivido dessas mulheres ribeirinhas utilizamos como aporte a abordagem qualitativa que proporciona a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e segundo sua estruturação. O método qualitativo, no que tange a compreensão de uma realidade estudada se mostra eficiente, uma vez que buscamos a compreensão de fatos a partir da representação de pessoas e seu modo de vida.

Para essa abordagem qualitativa, no trabalho de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com vistas a registrar e analisar o modo de vida atual da mulher ribeirinha. Nestas, o investigado possui total liberdade de expressar suas opiniões e sentimentos. Nesse tipo de entrevista o papel do entrevistador é de incentivar o informante a dialogar sobre determinado assunto, sem forçá-lo a responder, propiciando ocasiões de perguntas abertas, que podem ser respondidas dentro de uma conversação informal, fato que deixa a pessoa entrevistada mais a vontade com a situação e em expressar suas opiniões.

No que se refere ao roteiro elaborado para a realização das entrevistas, este foi elaborado com questões abertas, no qual as falas dos entrevistados foram gravadas e depois transcritas. Utilizamos como subsídio para execução desta técnica o procedimento constituído por José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), neste, o autor seleciona três passos que possibilitam transformar as falas das pessoas entrevistadas em um texto de compreensão clara, estes são: *transcrição*, *textualização* e *transcrição*.

A escolha das entrevistadas teve como critério, que estas fossem moradoras da região ribeirinha e que pudessem nos contar sobre seu modo de vida e sobre suas formas de relação com outros membros da comunidade e até mesmo sobre seu cotidiano familiar, com vistas a ser feita uma análise de gênero destas condições. Procuramos pelas moradoras mais antigas da região, esse critério objetivou levantar as formas de visão que a mulher ribeirinha tem de seu modo de vida no espaço ribeirinho.

Uma vez considerando que estamos tratando de um espaço geográfico, partimos da concepção de Santos (1997) que para a análise do espaço geográfico é relevante à compreensão da estrutura espaço-temporal. Por isso nos

valeremos de alguns fatos históricos para conhecer aspectos relacionados às condições sociais de gênero e suas consequências em sociedades tradicionais, considerando que gênero trata-se de uma construção cultural. Pois são as relações de gênero que formam a identidade da mulher, são atribuições impostas socialmente que colaboram para a formação desta como um ser social.

O espaço amazônico ribeirinho apresenta uma série de complexidades, neste, as relações e os fatores sociais se estabelecem muitas vezes de maneira paradoxal, delimitando espaços e constituindo formas de relações. Ser homem e ser mulher implica em uma diferenciação de atividades a serem exercidas e de espaços a serem ocupados.

2.2.3.2 História oral.

Para compreendermos o modo de vida da mulher ribeirinha, utilizamos, além das observações do cotidiano dessas, outra forma de abordagem metodológica que possibilitasse a sua própria compreensão de existência que nos fornecesse o conhecimento de como essa mulher se percebe no ambiente ribeirinho, para isso foi adotada a entrevista como um dos instrumentos da pesquisa e como meio de interpretação desta a história oral. Para o emprego da história oral nesta pesquisa utilizamos os escritos de Meihy e Montenegro.

Na teoria de história oral de MEIHY (2005), este trata que “movimentos de minorias culturais e discriminadas têm encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas (...)”, as entrevistas capacitaram o fornecimento de dados a respeito da vivência cotidiana da Comunidade e também a compreensão de como as mulheres se definem enquanto participantes sociais no espaço em que estão inseridas, possibilitando o conhecimento de seu modo de vida.

Nosso foco de análise se dirige para o cotidiano atual da mulher ribeirinha, qual a sua visão hoje, dos fatores que são a elas atribuídos, porém como as entrevistas foram semiestruturadas essas mulheres iam além de

implicações e fatores relacionados ao seu cotidiano, passavam a falar sobre o ambiente em que vivem, como em forma de descrição, bem com seu passado, este fator colaborou por acrescentar no desenvolvimento da pesquisa, possibilitando a informação de como a mulher ribeirinha faz a interpretação desse espaço, como ela o define. A partir disso, inserimos como aporte de análise a história oral defendida por Montenegro:

A memória não é registro, memória é construção, elaboração. Quer dizer um entrevistado que narra a sua memória, de alguma coisa que viveu, que passou, que experimentou, ele antes de tudo tem daquela experiência, não um registro, ele tem uma elaboração. Porque nos só registramos tomando por base nossas referências, então, como todo registro mnemônico se dá, a partir do que nos já temos acumulado que percebemos ao interagimos com o mundo ao nosso redor (MONTENEGRO, 2008, p.10).

Então, o que se narra nas entrevistas é a memória das pessoas, aquilo que se viveu e se vive, as experiências vivenciadas. Dessa maneira a história oral enquanto metodologia colabora para a compreensão do passado e, principalmente do presente, considerando que ambos se interrelacionam. Fornece documentos escritos que somados a outros tipos de dados como, por exemplo, as imagens possibilitam um conhecimento a cerca da realidade referida.

2.2.3.3 Observação participante

Uma vez que estamos tratando de pesquisa qualitativa, foi realizada observação participante no Distrito de Nazaré. Nessa fase de observação, é relevante mencionarmos o diário de campo como uma importante ferramenta de registro do pesquisador, pois nele se narra toda a experiência, tudo aquilo que foi visto em campo com uma precisão de detalhes, que só pode ocorrer enquanto se vive a experiência. Neste, pode-se conter também o que aconteceu no decorrer de uma entrevista ou da simples constatação do que se vê no dia-a-dia de uma comunidade ribeirinha ou em qualquer outro *lócus* de investigação, anotando-se ainda as ideias que se pode ter durante a pesquisa de campo.

Observação participante é a técnica, e alguns autores vão dizer método, em que o processo de observação deve ser feito de maneira direta, ou seja, o observador ao observar, participa da vida do grupo a ser pesquisado. É um processo pelo qual o pesquisador deve se integrar ao grupo, analisando-o de dentro para fora, por meio de vivências e convivências cotidianas. (BORGES, 2009, p. 186).

No que se refere às análises a partir da ciência geográfica, principalmente da análise dos dados que são obtidos em campo e que se referem a um estudo das relações humanas no espaço e considerando que estas relações são influenciadas pela cultura, a observação participante no desenvolvimento da pesquisa se torna uma importante ferramenta de interpretação e coleta de dados, onde se pode observar tais condições e fazer relações com a teoria.

“A observação participante, pautada pela necessidade de entender e explicar as sociedades, suas instituições, suas relações, enfim, um mundo humano, que cria e é criado pela cultura” (BORGES, 2009, p. 185). A análise a partir de uma observação participante exerce um importante papel de coleta de dados, pois auxilia na compreensão de como o indivíduo se insere em um meio social.

Para a observação participante foi realizado, primeiramente um estudo bibliográfico desta, devido ao fato de se ter a noção de que o ato de observar é uma técnica de imensurável valia para levantar-se o conhecimento de uma determinada comunidade ou acontecimento, nesta o pesquisador atua em determinada comunidade integrado a ela.

Quanto às técnicas utilizadas para a obtenção de dados referentes à análise proposta do Distrito de Nazaré, incluem-se: observação participante, entrevistas semiestruturadas e registros fotográficos.

2.3 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo proporciona o conhecimento da realidade e coloca o investigador frente a frente com os sujeitos e os lugares de sua investigação. A observação, possibilitada pelo trabalho de campo, favorece a compreensão das interrelações entre o sujeito e seu meio e, também, da relação entre os sujeitos, tornando possível a troca de experiências, bem como um melhor conhecimento a respeito da realidade investigada.

A pesquisa de campo constitui para o geógrafo um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente do sujeito na relação com o outro sujeito. Esta interpretação resulta de seu engajamento no próprio objeto de investigação. Sua construção geográfica resulta de suas práticas sociais. (SUERTEGARAY, 2009, p. 03).

A realidade ribeirinha passa a ser mais bem compreendida a partir do momento que se passa a vivenciá-la. A observação realizada baseada no método fenomenológico em que sujeito e objeto se tornam homogêneos proporcionou que vivenciássemos a realidade própria dos ribeirinhos e assim conhecêssemos a realidade destes e o modo de vida da mulher ribeirinha.

Os dias que ficamos em Nazaré para realização da pesquisa de campo foram marcados pelas mais variadas formas de acontecimentos, dentre eles a troca de experiências com pessoas da comunidade. A oportunidade de interagir com o grupo referido favoreceu um aprofundamento dos conhecimentos acerca da realidade do cotidiano da vida em uma área ribeirinha.

Salienta-se ainda, no que se refere à pesquisa de campo, a importância do caderno de campo. Este passa a ser um aliado do pesquisador, pois nele podemos escrever todos os detalhes que futuramente, após o campo poderão ser lembrados.

Realizamos duas viagens de campo no ano de 2012, a primeira em janeiro, na qual ficamos cinco dias no Distrito de Nazaré e a segunda em junho. Esta última tornou-se mais reduzida pela dependência do barco recreio que

realiza a viagem até o local, se não voltássemos no dia seguinte, no caso em uma quarta feira, só retornaríamos no domingo, e naquele período essa, não era uma alternativa viável. Realizamos algumas entrevistas e registros fotográficos, além disso, a observação da localidade também foi colocada em prática.

2.3. As pesquisas de campo:

Em nossa primeira pesquisa de campo saímos de Porto Velho por volta das onze horas e vinte minutos, numa terça feira, em um barco recreio denominado Marcos Filho. A viagem foi tranquila e até mais rápida que o normal, chegamos a Nazaré antes das dezesseis e trinta, neste campo, participaram outras pesquisadoras que também pesquisam no Distrito. Já saímos de Porto Velho com a confirmação de que ficaríamos hospedadas na sede da EMATER.

Ao chegarmos fomos muito bem recebidas pelo senhor Claudir, técnico da EMATER, o qual foi nos receber logo na chegada do barco. O mesmo nos dirigiu até a referida sede, onde ficaríamos alojadas até o fim do campo.

O primeiro dia de campo consistiu na viagem e na instalação do grupo, composto por seis pesquisadoras do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulheres e Relações Sociais de Gênero – GEPGÊNERO, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

As atividades em campo se iniciavam muito cedo, às sete da manhã já estávamos de pé e prontas para dar início aos trabalhos relacionados à pesquisa. Via-se Nazaré “acordar”, levantar cedo nos possibilitava a oportunidade de ver a população iniciando suas atividades cotidianas. Neste dia, iniciou-se a realização de entrevistas com as moradoras do Distrito, contatamos senhoras Veneranda, Maria Ormarintins, conhecida como Orma e Jersina, que nos foram muito receptivas, apresentamos a pesquisa e nossos objetivos a estas, nosso contado durou ainda pelos dias seguintes, principalmente com Dona Veneranda e Dona Orma.

Pode-se perceber que quanto às relações de gênero, que homens e mulheres desenvolvem as mesmas atividades sociais e trabalham na roça. As mulheres têm uma participação ativa, fazem farinha, pescam, mas no que se refere ao trabalho relacionado aos espaços exteriores os homens é que os fazem, como por exemplo, vir para trabalhar na cidade ou em alguma firma ou órgão público local.

No primeiro dia, nosso contato maior foi com a senhora Orma, moradora do distrito, após uma longa tarde de conversa com ela, contando-nos sua história de vida, combinamos de participar de uma farinhada com ela e mais algumas mulheres.

Como havíamos combinado com Dona Orma, na quinta feira, dia dezesseis de janeiro, nós já estávamos com a atividade da manhã agendada. O programa baseava-se em descascar a macaxeira com as mulheres ribeirinhas, macaxeiras⁶ essas que seriam sovadas⁷ e preparadas para virar farinha. Participaram da atividade as seis e duas mulheres ribeirinhas, uma delas com seu filho. Dona Orma não pôde estar presente, pois seu pai ficou doente nesse dia. Então ficamos descascando macaxeira com as senhoras Francisca e Maria de Nazaré Ferreira Leite, a qual todos da comunidade a conhecem pelo apelido “Dode”.

Mesmo com seu pai doente, Orma nos acompanhou até a chegada do local onde as mulheres estavam descascando a macaxeira. O acesso era meio complicado, mata meio fechada, alguns lugares sem trilha para caminhar e o percurso ainda era dificultado pelas condições do período chuvoso, com atoleiros e partes muito escorregadias.

Participar de uma atividade como essa juntamente com essas mulheres nos proporcionou um momento de troca de informações, fomos bem aceitas e tratadas por elas, nos falaram suas experiências de vida, sobre seu trabalho e seu

⁶ Planta cujas raízes são comidas cozidas ou assadas. Em algumas regiões é conhecida como aipim.

⁷ Processo que prepara a macaxeira ao ponto de chegar a uma textura que possa virar farinha.

dia-a-dia, do esforço que têm que fazer para encarar o trabalho cotidiano diante do qual garantem o seu sustento e se mantêm vivas.

Descascamos todas as macaxeiras que elas haviam separado para essa farinhada, algumas das pesquisadoras foram gentilmente conduzidas para dar uma volta de canoa com o filho de uma das mulheres. O passeio se deu ali por perto mesmo de onde estávamos no igarapé onde lavam roupas e pescam. Essa atividade ocorreu em uma manhã chuvosa, o que não foi um empecilho para que essas ribeirinhas a realizassem, nossa proteção era a copa das árvores. Após descascá-las, era hora de deixar as macaxeiras de molho para sovar no outro dia. A importância de realizar essa tarefa juntamente com elas, foi de dialogar e adquirir informações sobre o cotidiano e o modo de vida destas, a partir de uma conversa informal.

Cabe, ainda, falarmos um pouco sobre o aspecto de localização das residências dessas senhoras com as quais passamos uma manhã inteira aprendendo. Nas outras idas ao Distrito, nunca havíamos andado pelos arredores, nos quais residem essas mulheres e percebemos que o espaço de Nazaré é bem mais amplo do que aparenta. Trata-se de habitações mais humildes e com menos aspecto de conforto, são mais isoladas. Essas mulheres reclamam desse isolamento, que não se trata somente de um isolamento geográfico, mas também social, pois até mesmo as informações que circulam pela área mais “central” do Distrito demoram ou até mesmo nem chegam até elas. O percurso até essas áreas tem suas dificuldades, como mata fechada, espaços alagados e escorregadios em período de chuva. Como podemos verificar na foto abaixo:

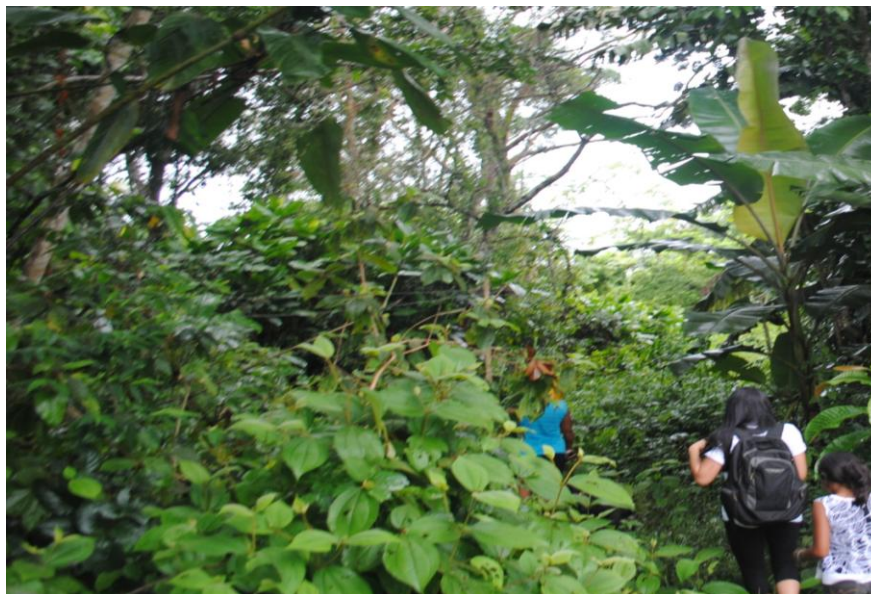


Foto 07: Acervo GEPGENERO, 2012. Caminho até as casas mais afastadas do Distrito.

Por estarem afastadas, pouco ficam sabendo dos acontecimentos que ocorrem na parte mais povoada do Distrito, a exemplo das reuniões da associação de moradores. Elas afirmaram que das várias reuniões que ocorriam na comunidade elas não ficavam sabendo, e quando ficavam, isto ocorria devido ao fato de uma funcionária pública ir até elas para avisá-las.

Depois dessa atividade, o retorno tornou-se ainda mais complicado, com a manhã inteira de chuva, o caminho ficou ainda mais comprometido, mais liso e escorregadio.

Após o almoço, nos dirigimos à casa de Dona Veneranda, uma senhora atenciosa e que muito tem a contar sobre o Distrito de Nazaré, o qual viu nascer e onde viveu a maior parte de sua vida. Esta nos descreveu a transformação que ocorreu no espaço que hoje tem como nome Distrito de Nazaré. Esta chegou na localidade em 1956, é o retrato da mulher ribeirinha, trabalhou na roça, pescou e hoje lamenta por estar sozinha e diz não ter mais vontade nem força para trabalhar na roça ou de qualquer outra forma.

Após a longa conversa com Dona Veneranda retornamos à EMATER e depois, durante a tarde, caminhamos pelo Distrito para ver se encontrávamos alguma mulher que pudesse falar conosco, foi então que encontramos uma senhora dona de casa, que me falou um pouco de seu cotidiano. Durante nossa

conversa ela estava lavando roupa e todo momento ia olhar sua filha que estava dormindo no quarto da casa, disse a ela que não precisava deixar de fazer suas atividades enquanto conversava comigo, e dessa maneira seguiu nossa conversa, com ela se direcionando entre os espaços do tanque, no lavador do lado de fora da casa e o quarto enquanto ia olhar sua filha que dormia.

Depois de um longo dia de caminhada na chuva, deslizando nas trilhas, de descascar macaxeiras e interagir com as mulheres ribeirinhas, retornamos para o local onde estávamos alojadas. O cansaço era nossa principal companhia, mas o fato de poder observar de perto e interagir com essas mulheres ribeirinhas nos proporcionou uma grande satisfação.

No próximo dia nosso intuito era levantar dados relativos ao quantitativo da população do Distrito. Dirigimos-nos ao posto de saúde para levantarmos essas informações. Após isto, nós retornamos à sede da EMATER para participarmos da reunião, que tratou da apresentação sobre a agroindústria que se pretende implantar na localidade através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

Depois do almoço, voltamos aos trabalhos das entrevistas e conversas com os moradores. Conversei um pouco com Dona Raimunda Neves da Costa sobre seu cotidiano, senhora muito prestativa e trabalhadeira. Após a conversa com ela, nos dirigimos até a casa da senhora Maria Rosinete Neves de Araújo, esta é a única mulher que faz parte da Associação de moradores, somente com ela conseguimos levantar algumas argumentações a respeito da questão da liderança feminina.

O quarto dia da pesquisa foi literalmente chuvoso, a desvantagem dos dias chuvosos era que as pessoas se recolhiam ainda mais em suas residências, deixando a localidade com um aspecto deserto. Nesse dia o cansaço já decidia o que iríamos fazer, então nos recolhemos mais cedo naquela sexta feira.

No quinto dia, mais chuva pela manhã, o que tornou impossível a nossa ida à farinhada. Enfrentar a mata e os caminhos escorregadios colaborou para nossa decisão em não ir até lá. Duas pesquisadoras já estavam com resfriado

devido aos dias anteriores de chuva, além disso, já havíamos sido avisadas do risco de encontrar cobras.

Neste dia surgiu a oportunidade de retornarmos para Porto Velho de lancha, conversamos com o administrador do Distrito sobre o combustível que teríamos que arcar para realizar a viagem. Retornar cedo seria mais seguro para todas nós, que estávamos apreensivas em chegar a Porto Velho de madrugada, devido ao local de chegada, o Cai N'água⁸ ser passível de ocorrências de assaltos e outros problemas como ser ponto de usuários de entorpecentes.

Então resolvemos vir de lancha, mas esta era tão pequena, mais parecia uma voadeira. Neste dia, a água do rio Madeira estava muito agitada e como tínhamos que cruzar o rio de uma margem à outra passamos por toda a forte correnteza e troncos, característica do rio. O medo que sentimos durante o trajeto feito de Nazaré até a boca do rio Jamari, temos certeza que jamais será esquecido pelas pesquisadoras que estavam presentes. Foi um campo com as mais variadas possibilidades de experiências que já vivenciamos, estará sempre na lembrança.

Na segunda viagem de campo, partimos de Porto Velho no dia doze de junho de dois mil e doze, às onze horas e dez minutos em um barco recreio e retornamos no dia seguinte. Nosso objetivo nesse campo era de fazer mais uma observação do cotidiano na localidade e conversar com algumas mulheres sobre sua vida familiar. Ao chegarmos na comunidade, após aproximadamente seis horas de viagem, primeiramente, nos dirigimos à uma pousada na qual ficamos instaladas nesse período. Depois de instaladas, partimos para mais uma observação do dia-a-dia dessa comunidade.

Das cento e sete famílias residentes no Distrito de Nazaré, selecionamos três famílias focais com o intuito de investigar, as formas relacionais destas, tendo como objeto principal de análise a investigação da participação feminina. Esse quantitativo do número total de famílias citado foi adquirido na Unidade de Saúde

⁸ Local onde se encontra o porto, na área central do município de Porto Velho.

da comunidade, no qual consta o levantamento feito pelo Programa Bolsa Família, do Governo Federal, no Distrito.

Cabe ressaltar que para o fornecimento de dados a respeito do Distrito trabalhamos com cinquenta e três questionários, uma entrevista a fim de conhecer um pouco mais a respeito do cotidiano da mulher ribeirinha, com a primeira mulher moradora da localidade, através da história oral de vida e mais três entrevistas direcionadas que nos possibilitaram conhecer sobre o modo de vida das famílias ribeirinhas, sobre as atividades que cada membro da família desenvolve nas atividades cotidianas, totalizando quatro entrevistas.

Consideramos que o fato de falar do dia-a-dia familiar traz um certo desconforto para algumas mulheres, por esse motivo as três que selecionamos como colaboradoras para a pesquisa foram as que mais se dispuseram a relatar fatos sobre suas vidas. Contudo, entrevistamos outras mulheres as quais falaram sobre seu modo de vida, suas atividades, seu trabalho e seu lazer, entrevistamos ainda Dona Veneranda, de sessenta e três anos, primeira moradora do atual Distrito de Nazaré e que muito colaborou com sua história de vida e relato de suas experiências na localidade.

CAPITULO III

DISTRITO DE NAZARÉ: O ESPAÇO VIVIDO DAS MULHERES RIBEIRINHAS



Foto 08: LOPES, Luciane Gomes. Vista parcial do Distrito. Nazaré, RO. 2011.

3.1 O modo de vida ribeirinho

O cotidiano do e o modo de vida da população ribeirinha está plenamente ligado ao ambiente e seus componentes. O rio está como um dos principais componentes desse espaço é o local onde se realizam atividades como a pesca, que além de ser um meio de subsistência é, também, uma forma de lazer encontrada pelos ribeirinhos, é admirando esse rio que esses ribeirinhos passam horas em momentos de descontração.



Foto 09: LOPES, Luciane G.. Distrito de Nazaré. 2011. Ribeirinhos no entardecer à beira rio.

O espaço amazônico composto por rios, florestas e elementos do imaginário de sua população é vivenciado pelo ser humano perante relações de troca e até mesmo de dependência, do qual o ribeirinho constitui toda sua vivência. Cenas como esta da imagem acima são frequentes diariamente, sempre encontramos pessoas conversando na beira do rio ou até mesmo sozinhas, como se estivessem em momentos de reflexão.

A água não é somente o espelho com o qual a Terra se estende ao céu, às árvores, às montanhas. Ela mistura as imagens que se levantam das profundezas e aquelas que se referem ao céu ou à costa. A intimidade da substância líquida suaviza o dourado frio do reflexo e cria um mundo de formas moventes que parecem viver sobre o olhar. (DARDEL, 2011, p. 37).

Loureiro (2001) trata dessa questão da relação de dependência que o habitante da Amazônia tem com um dos elementos que compõe esse espaço, o rio. O que nos faz compreender a relação entre rio-homem no Distrito de Nazaré, considerando que tudo o que chega à localidade vem através das águas:

Os rios na Amazônia constituem uma realidade labiríntica e assumem uma importância fisiográfica e humana excepcionais. O rio é fator dominante nessa estrutura fisiográfica e humana, conferindo um *ethos* e um ritmo à vida regional. Dele dependem a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e destruição das terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, a política e a economia, o comércio e a sociabilidade. O rio está em tudo. (LOUREIRO, 2001, p. 125).

A relação entre o indivíduo e seu lugar, abrangendo todos os componentes naturais, quanto os construídos por eles próprios, que podemos chamar de artificiais, estabelece um sentido de vida e de pertencimento. Esse espaço passa a ser sua base.

[...] nas relações indicadas por habitar, construir, cultivar, circular, a Terra é experimentada como *base*. Não somente como ponto de apoio espacial e suporte material, mas condição de toda “posição” da existência, de toda ação de assentar e de se estabelecer. [...] A Terra é, como base, o advento do sujeito, fundamentado de toda consciência a despertar a si mesma; anterior a toda objetivação, ela se mescla a toda tomada de consciência, ela é para o homem aquilo que surge no ser, aquilo sobre o qual ele erige todas as suas obras [...]” (DARDEL, 2011, p. 40).

As reflexões de Dardel auxiliam a compreensão da relação entre o ambiente natural e o modo de vida do ribeirinho. A empatia que o ribeirinho traz consigo de seu lugar, do qual maioria deles afirma não querer se afastar, se dá

pelo fato de ser ali onde se encontram as bases concretas e próprias do seu ser. É com este espaço que homens e mulheres se identificam, onde têm seu próprio tempo e atividades cotidianas específicas.

Em nossas estadas nesse Distrito, nos diálogos com seus moradores verificamos que estes se sentem estabilizados no que se refere à existência. Consideram que neste espaço encontram todas as condições necessárias à sua vivência. É onde encontram um sentido de pertencimento ao mundo.

Com o objetivo de analisar o cotidiano das famílias ribeirinhas, mais especificamente a atuação das mulheres no que se refere à participação no ambiente privado, familiar e no externo, buscando compreensão a cerca de seu modo de vida, realizamos a observação do cotidiano da comunidade e investigamos três mulheres a respeito de seu cotidiano e da vida familiar.

Das cento e sete famílias residentes no Distrito de Nazaré, foram selecionadas três famílias focais com o intuito de investigar, as formas relacionais destas, tendo como foco principal de análise a investigação da participação feminina, o número total de famílias citado foi adquirido no posto de saúde da comunidade, no qual consta o levantamento feito pelo Programa Bolsa Família, do Governo Federal, no Distrito.

3.2 Enfoque de gênero: vivência de homens e mulheres nos espaços paradoxais

Ao fazermos uma análise de como homens e mulheres ocupam e reproduzem seus espaços não podemos deixar de levar em consideração as características de gênero, construídas cultural e socialmente e que acabam por influenciar na forma como os indivíduos passam a se perceber como atuantes em um espaço social, o que lhes faz admitir para sua vivência as formas ou atitudes preestabelecidas. Como fica evidenciado nos escritos de Joseli Silva (2009):

Gênero, portanto, não é uma realidade em si mesma, mas um ideal exercitado cotidianamente por diferentes tipos de corpos que, ao agirem pautados pela representação, superam a mera

reprodução de papéis e recriam continuamente a própria representação de gênero. Assim, o gênero é um eterno movimento que se faz na ação humana criativa, e como toda ação implica uma espacialidade, o caráter performático do gênero é simultaneamente espacial e temporal (p.30).

E é a partir dessas ocorrências que se torna necessário trabalhar gênero na geografia perante a consideração dos espaços como paradoxais. Considera-se que o espaço não é algo estático, está em constante processo de transformações de todos os tipos sejam elas econômicas ou sociais. Ainda de acordo com Joseli Silva (2009) “O espaço da geografia paradoxal considera a multiplicidade de identidades dos seres, contemplando aspectos de plurilocalidade dos seres humanos que fazem parte da análise”. Dessa maneira, há uma vasta possibilidade de formações espaciais, nas quais os indivíduos exercem as mais variadas formas de relações que formam e transformam espaços.

O termo paradoxo, no que se refere aos espaços geográficos se insere no fato de que as delimitações quanto à ocupação de lugares e o exercício de determinadas atividades estão submetidos às diferenciações socialmente impostas aos diferentes gêneros.

Com o objetivo de levantar dados a respeito da população do Distrito de Nazaré acessamos o banco de dados do GEPGÊNERO visando coletar dados oriundos dos questionários aplicados a cinquenta e três moradores do Distrito de Nazaré, sendo que deste total, quarenta e dois foram respondidos por homens e onze por mulheres.

Lembrando que o referido Grupo de Pesquisa vem desenvolvendo pesquisa na região há aproximadamente dois anos e a aplicação dos instrumentos aos moradores da localidade se deu a partir da atuação das pesquisadoras deste em conjunto. A aplicação desses questionários não se deu de maneira aleatória, foram selecionados homens e mulheres que fossem assentados pelo INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, porém dentro do quadro de perguntas do questionário elencavam-se questões de cunho geral, como participação de homens e mulheres no âmbito familiar e no

trabalho em geral, de atividades domésticas e demais formas de trabalho e participação social.

A partir desse levantamento de dados tornou-se possível verificar como homens e mulheres atuam nessa área ribeirinha tanto nos espaços de lazer e trabalho (espaços externos) quanto nos espaços do lar (espaços privados). Seleccionamos questões referentes à profissão desses moradores, quantas horas por dia de dedicação ao trabalho, sobre a divisão das atividades no trabalho e no âmbito familiar, tomadas de decisões no uso da terra, uma vez que esta se trata de uma comunidade rural, a participação em movimentos sociais, no caso na associação de moradores, sobre os festejos mais importantes da comunidade e demais atividades de lazer nesta, e por fim, se eles e elas se sentem realizados morando na comunidade.

Profissão - Homens

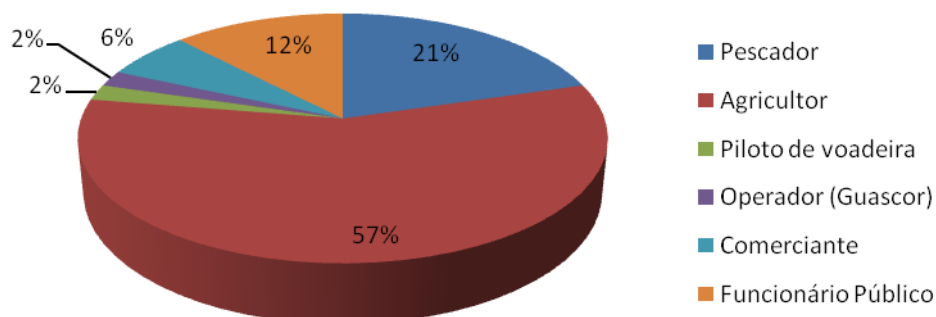


Gráfico 01: Profissões citadas por homens. FONTE: GEPGÊNERO: Pesquisa Relações Sociais de Gênero no Assentamento Rural Ribeirinho Nazaré e Boa Vitória. Org.: Lopes, Luciane Gomes. 2012.

No que se refere a atuação profissional masculina, dentre os que colaboraram com a pesquisa, verificamos que estes são em sua maioria agricultores, seguido desses, a outra profissão mais citada é a de pescador. Dentre os funcionários públicos, englobam-se profissionais da educação que atuam na região, um deles já aposentado, assistente social e agente de saúde.

Há aqueles que possuem mais de uma profissão, por exemplo, ser funcionário público e nas horas vagas dedicar-se à agricultura.

Profissão - Mulheres

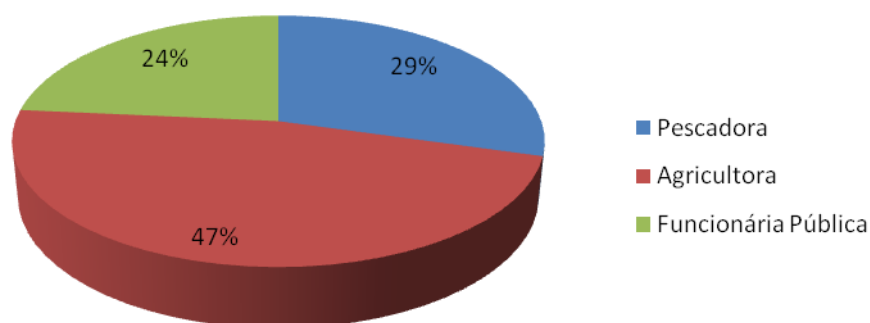


Gráfico 02: Profissões citadas por mulheres. FONTE: GEPGÊNERO: Pesquisa Relações Sociais de Gênero no Assentamento Rural Ribeirinho Nazaré e Boa Vitória. Org.: Lopes, Luciane Gomes. 2012.

De onze mulheres que se dispuseram a responder os questionários, a maioria, assim como os homens dedica-se à agricultura. Considerável parte delas (29%) informou como profissão pescadora, muitas têm a carteira profissional da pesca, tiradas na própria localidade a partir da atuação do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA através do Programa Nacional da Trabalhadora Rural – PNDTR. Com a carteira da Pesca Profissional, a mulher passa a adquirir maior autonomia no grupo, por ser um registro profissional, além disso garante outros direitos como o benefício que recebe no período do defeso. De acordo com uma colaboradora, sobre esse dinheiro que recebe ela possui autonomia:

“Com esse dinheiro da pesca, compro roupa pra mim e pra meus filhos, desse eu tenho autonomia.”

Mesmo com a carteira de pesca, esta afirma não desenvolver a profissão, dedicando-se mesmo as atividades de dona de casa, a pesca atualmente desenvolve como uma forma de lazer, para consumo familiar. Desenvolve esta atividade de maneira com varas simples, sem nenhuma característica profissional.

Entre as demais que citaram o funcionalismo público encontram-se agentes de saúde, agente de limpeza escolar, auxiliar de serviços de saúde e enfermagem, porém algumas afirmam que durante as horas vagas mesmo atuando no serviço público ainda ajudam o marido na agricultura.

Divisão do trabalho entre homens e mulheres

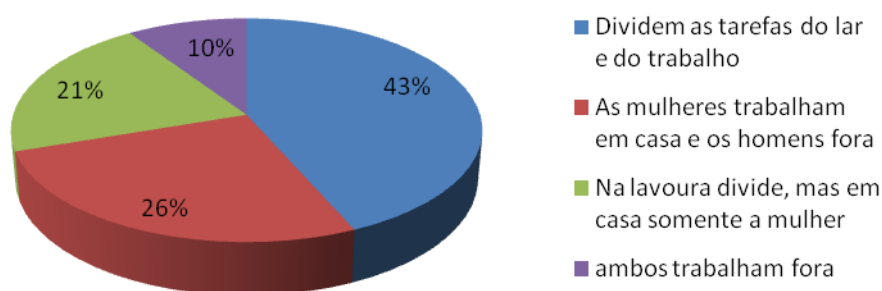


Gráfico 03: Divisão dos trabalhos entre homens e mulheres. FONTE: GEPGÊNERO: Pesquisa Relações Sociais de Gênero no Assentamento Rural Ribeirinho Nazaré e Boa Vitória. Org.: Lopes, Luciane Gomes. 2012.

O gráfico acima refere-se a distribuição dos trabalhos entre homens e mulheres não só no espaço de realização dos trabalhos, mas também no privado, do lar, neste contem respostas de homens e mulheres juntamente. Verificamos que os dois grupos maiores estão entre os que dividem as atividades tanto do lar quanto do trabalho e os que as mulheres restringem-se somente aos espaços vinculados à residência, espaço privado e os homens trabalham fora de casa, seja na roça ou em empresas privadas ou públicas. Há ainda um grupo de vinte e um por cento, dos cinquenta e três do total de colaboradores que afirma que nos

trabalhos agrícolas ou lavoura se dividem as tarefas, mas em casa, somente as mulheres é que desenvolvem atividades como cuidar da casa, das roupas e de cuidar das crianças.

Quem toma as principais decisões?

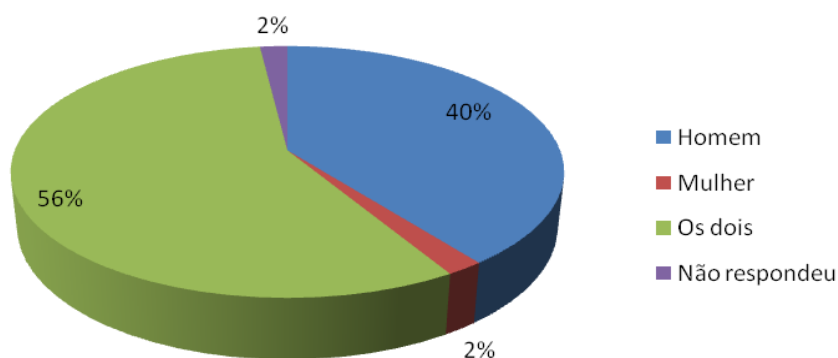


Gráfico 04: Tomadas de decisões referentes ao uso dos lotes. FONTE: GEPGÊNERO: Pesquisa Relações Sociais de Gênero no Assentamento Rural Ribeirinho Nazaré e Boa Vitória. Org.: Lopes, Luciane Gomes. 2012.

No que se refere às questões das tomadas de decisões quanto ao uso do lote, a exemplo de que técnicas utilizar para manejo do solo, se utilizarão a queimada ou não para a limpeza de terreno e o que irão plantar o total que colaborou com a pesquisa afirmou que em sua maioria as decisões são tomadas em conjunto, cinquenta e seis por cento. Em seguida, um grupo de quarenta por cento afirma que a maioria das decisões é tomada unicamente por homens, dois por cento não respondeu a questão e outros dois por cento afirmou que as mulheres são quem tomam as decisões.

Participação em festejos da comunidade

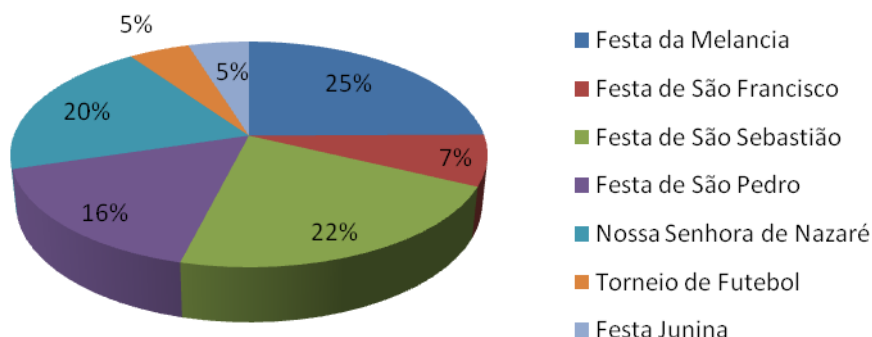


Gráfico 05: Participação em festejos da comunidade. FONTE: GEPGÊNERO: Pesquisa Relações Sociais de Gênero no Assentamento Rural Ribeirinho Nazaré e Boa Vitória. Org.: Lopes, Luciane Gomes. 2012.

O Distrito de Nazaré possui em seu calendário anual a realização de diversos festejos que movimentam a comunidade. A festa que mais atrai a população é a da Melancia, que ocorre no dia cinco de agosto, além da população local, se dirigem à localidade a fim de participar desta, pessoas de comunidades próximas e também de Porto Velho, nesta ocorrem diversas atrações como apresentações locais e desfile e escolha da Garota Melancia, além do concurso da maior fruta. Posteriormente, a Festa de São Sebastião é a segunda que mais movimenta o referido espaço. Na tabela abaixo constam datas de algumas das consideradas principais festas da localidade:

| Festejo | Data |
|----------------------------------|-------|
| Festa da Melancia | 05/08 |
| Festa de São Francisco | 04/10 |
| Festa de São Sebastião | 29/01 |
| Festa de São Pedro | 28/06 |
| Festa de Nossa Senhora de Nazaré | 07/09 |

Tabela 01: Data dos principais Festejos do Distrito de Nazaré. Org.: Lopes, Luciane Gomes. 2012

Das vezes que nos dirigimos à Nazaré, tivemos a oportunidade de participar da Festa da Melancia e de São Sebastião, nestas verificamos participação de homens e mulheres constantemente, como na ornamentação e preparo de produtos a serem comercializados. Porém, a organização da primeira fica a cargo do Presidente da Associação e a segunda de outro homem considerado por alguns moradores da região como um líder da comunidade.

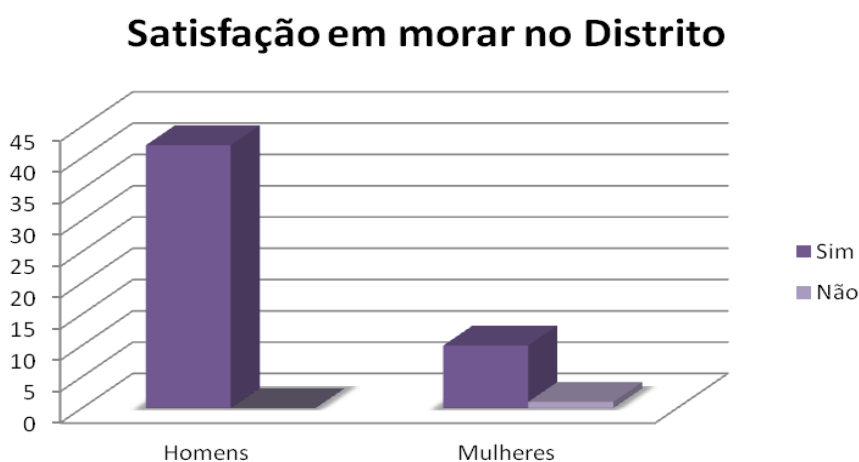


Gráfico 06: Satisfação dos moradores em residir no Distrito de Nazaré. FONTE: GEPGÊNERO: Pesquisa Relações Sociais de Gênero no Assentamento Rural Ribeirinho Nazaré e Boa Vitória. Org.: Lopes, Luciane Gomes. 2012.

No que se refere em estar satisfeito ou não em estar morando na Comunidade, constatamos que do total de participantes através dos questionários aplicados, todos dos quarenta e dois homens afirmaram estar realizados morando nesse local, no que se refere à satisfação das mulheres uma afirmou não estar. Essa colaboradora que não se sente realizada queixou-se do ensino oferecido:

“Não. Por causa do ensino, que aqui só tem aula de quinze em quinze dias. Mas fora isso é muito bom, tem segurança”.

Dentre os principais aspectos como positivos da localidade, que os colaboradores informaram estão principalmente a fartura de peixes, frutas e a tranquilidade do mesmo, que lhes fornecem certa segurança.

3.3 Estrutura e dinâmica da vida familiar

Fatores como cultura e gênero são inseridos no contexto de análises do ciclo da vida familiar e colaboram em construções das formas que moldam a estruturação e a ocupação de espaços paradoxais entre os componentes da família. Os conflitos, as relações hierárquicas do cotidiano e os padrões estabelecidos tradicionalmente às famílias são fatores que interferem na dinâmica familiar e nas relações desta.

Cada indivíduo em um meio possui seu papel social. Esse papel social é construído, através da criação de normas ou modelos de existência que irão definir o lugar e a forma como o indivíduo ocupa seu espaço. Claval, 2001, afirma que o papel social imposto ao ser é moldado pela cultura, tudo aquilo que o indivíduo sabe e sente são recebidos pelo seu “círculo”, sua autonomia e suas responsabilidades são previamente construídas.

Cada um é chamado a desempenhar um papel diferente segundo seu sexo, sua idade e suas capacidades técnicas ou intelectuais, numa ou noutra profissão ou função. Cada um está vinculado ao próximo por uma rede complexa de relações (CLAVAL, 2001, p. 108).

Embasando-nos ainda no modelo de relações sociais de Claval, 2001, classificamos as famílias do Distrito de Nazaré como ordenadas a partir de um sistema hierárquico, onde as formas de relações entre os indivíduos que compõe cada família ocorrem a partir de um plano vertical. Como podemos observar na figura abaixo a relação familiar tradicional se embasa em um sistema hierárquico que só pode englobar grupos reduzidos:

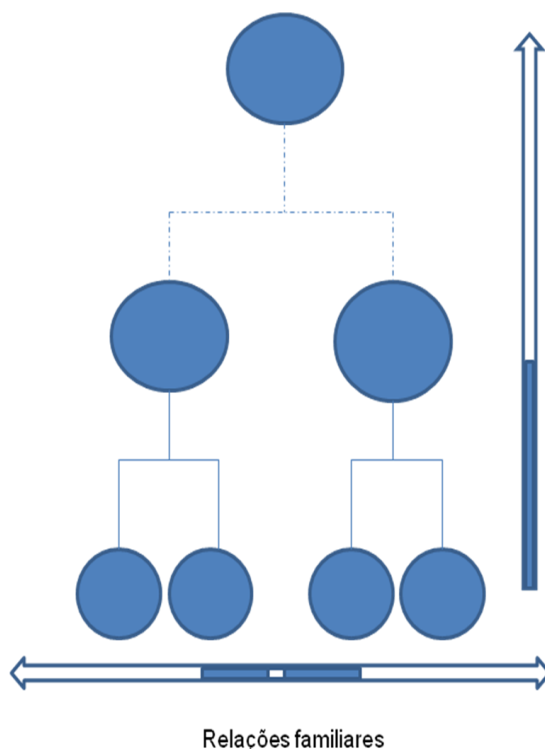


Figura 02: os tipos institucionalizados: componentes horizontais e componentes hierárquicos. CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural, 2001, p. 110.

Os lugares constituídos pelo lar se estabelecem a partir do modelo de “hierarquia simples”, onde as posições se configuram diante das necessidades da vida. Logo, em uma família em que o homem, na figura de pai, é o responsável pelo mantimento econômico da família, e é o que produz trabalho gerador de renda é considerado o membro mais importante, contudo, ocupando o topo da pirâmide.

Assim, das famílias investigadas, constatamos que em todas ocorre esse sistema “hierárquico simples” nas quais os homens estão vinculados a trabalhos externos e geradores de renda, já as mulheres, mantêm-se nos trabalhos dirigidos aos cuidados do lar e da família.

A fim de conhecer um pouco mais do cotidiano das famílias ribeirinhas e das atividades distribuídas entre seus integrantes, homens, mulheres e crianças, elaboramos uma tabela com algumas atividades distribuídas nos períodos durante a semana e nos fins de semana, as quais elencamos como família 1, 2 e 3:

Tabela 02: Atividades familiares - **Família 01**: (Maria Omarintins Barbosa).

| Atividades | Durante a semana | | | Fins de semana | | |
|-----------------|------------------|--|-------------------------------|----------------------------------|-----------|-----------|
| | Homens | Mulheres | Crianças | Homens | Mulheres | Crianças |
| De manhã | Trabalham fora | Ficam em casa arrumando e lavando | Ajudam nas tarefas domésticas | Ficam em casa, visitam os amigos | Igreja | Igreja |
| À tarde | Trabalham fora | Ficam em suas casas e às vezes saem para fazer farinha ou pescar | Vão para escola | Descansam | Descansam | Descansam |
| À noite | Descansam | Descansam | Descansam | Descansam | Descansam | Descansam |

Organização: Lopes, Luciane Gomes, 2012.

O grupo familiar 01 é formado por um casal, dois filhos uma filha e uma nora. Estes residem todos juntos em uma mesma casa no Distrito.

Segundo a mulher, mãe, a qual nos forneceu as informações referentes à família, o chefe da residência é seu esposo, todas as decisões, todos os fatores relacionados a casa devem passar antes de tudo por ele. Nesse grupo familiar todos os homens exercem trabalhos fora de casa, já as mulheres são responsáveis pelos afazeres domésticos e as crianças somente estudam.

Durante a semana a rotina da família se baseia nessas atividades, os homens se dirigem aos seus trabalhos as mulheres cuidam da casa e as crianças vão para a escola e nos horários vagos auxiliam nas tarefas do lar.

Já nos fins de semana as atividades dessa família na área ribeirinha se limitam ao descanso, que significa não fazer atividades relacionadas o trabalho, apenas ficam em casa com a família, vão à igreja ou visitam às casas de parentes residentes nas proximidades.

Em nossa entrevista com a senhora da família 01, perguntamos a ela sobre o trabalho masculino e feminino, com intuito de saber onde era mais visível a presença de mulheres desenvolvendo algum tipo de trabalho:

“Os homens trabalham a maioria na roça mesmo. O trabalho de casa só quem faz é a mulher mesmo.”

Em seu cotidiano, de mulher ribeirinha, dedica-se ao cuidado do lar e da família, sendo seus programas de lazer visitar os vizinhos próximos e pescar com outras mulheres e ir à igreja nos fins de semana.

Tabela 03: Atividades familiares - **Família 02:** (Oneide de Andrade Ferreira)

| Atividades | Durante a semana | | | Fins de semana | | |
|-----------------|------------------|----------------------------|----------|------------------------------|------------------------------|----------|
| | Homens | Mulheres | Crianças | Homens | Mulheres | Crianças |
| De manhã | Trabalha na roça | Cuida da casa e da filha | - | Fica em casa | Fica em casa | - |
| À tarde | Trabalha na roça | Cuida da casa e da filha | - | Fica em casa | Vai à casa da mãe | - |
| À noite | Descansa | Cuida da filha e do marido | - | Fica em casa ou vai à igreja | Fica em casa ou vai à igreja | - |

Organização: Lopes, Luciane Gomes, 2012.

Já o grupo familiar 02, é composto por um casal e sua filha, que no momento de realização da entrevista estava com seis meses de idade. Nessa família, também se verifica um sistema de relações baseadas no patriarcado, no qual o pai exerce todo o controle da família e da residência.

Quando perguntamos a senhora da família 2 como se dava as relações do trabalho entre ela e seu esposo ela nos confirma o resultado de que as condições se dão de maneira desiguais:

“Até que ele ajuda. Mas em casa é só a mulher pra limpar a casa, lavar a roupa, essas coisas é só a mulher. Mas quando tem criança pequena assim, ele ajuda, a ficar reparando, olhando.”

Entre as atividades da semana o papel masculino é desempenhado no trabalho fora de casa, já o da mulher é o desenvolvido no espaço privado cuidando do lar e da filha. Nos fins de semana as atividades se restringem ao descanso, visitar algum parente ou vizinho e ir à igreja.

Tabela 04: Atividades familiares - **Família 03:** (Raimunda Nunes da Costa)

| Atividades | Durante a semana | | | Fins de semana | | |
|-----------------|------------------|----------------------------|----------|-----------------------|--------------|----------|
| | Homens | Mulheres | Crianças | Homens | Mulheres | Crianças |
| De manhã | Trabalha na roça | Trabalho em casa e na roça | - | Às vezes vai à igreja | Vai à igreja | - |
| À tarde | Trabalha na roça | Trabalha na roça | - | Fica em casa | Descansa | - |
| À noite | Descansa | Descanso | - | Fica em casa | Descansa | - |

Organização: Lopes, Luciane Gomes, 2012.

O grupo que compõe a família 03 é composto por um casal e um filho destes. O sítio do casal, onde eles têm seus cultivos fica em uma outra localidade próxima ao Distrito de Nazaré. Neste, os responsáveis pela plantação, colheita e limpeza do lote são seu esposo e seu filho, a mulher ajuda na retirada da polpa das frutas que cultivam e cuida das encomendas e vendas, trabalho realizado em sua residência no Distrito de Nazaré.

Por tratar-se de uma comunidade tradicional ribeirinha, verificamos que as famílias exercem atividades semelhantes entre si, os trabalhos são praticamente os mesmos e as demais atividades também. Devemos considerar o tamanho da comunidade, que fornece poucas opções de diversão e lazer. De acordo com o

levantamento advindo dos questionários verificamos que a principal atividade de lazer na comunidade é o futebol, os torneios realizados atraem um grande público para prestigiar e participar do evento (gráfico 07):

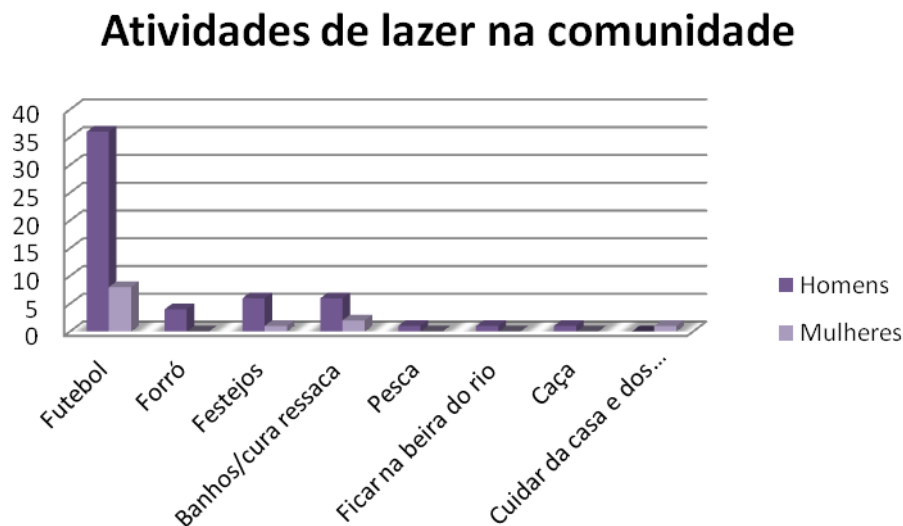


Gráfico 07: Atividades de lazer na comunidade. FONTE: Pesquisa Relações Sociais de Gênero no Assentamento Rural Ribeirinho Nazaré e Boa Vitória. Org.: Lopes, Luciane Gomes. 2012.

No gráfico acima, visualizamos que algumas das principais atividades de lazer citadas pelos moradores do Distrito são futebol, forró, festejos e os banhos cura ressaca. Essas foram as mais citadas tanto por homens quanto por mulheres, alguns informaram que o fato de ficar na beira do rio, em momentos de reflexão também são consideradas. Pesca e caça trata-se de outros itens citados, até mesmo o trabalho doméstico é considerado um lazer segundo a opinião de uma moradora, a qual citou entre estas atividades cuidar da casa e dos bichos. Os moradores queixam-se de não haver uma área específica para diversão das crianças.

CAPÍTULO IV

DESVENDANDO O COTIDIANO DA MULHER RIBEIRINHA.



Foto 10: Lopes, Luciane Gomes. Ribeirinha, Dona Veneranda, em uma das atividades de seu cotidiano. Nazaré. RO. 2012

4.1 Uma história de vida: O Distrito de Nazaré sob a ótica de uma moradora

“Tenho muita história pra contar, não conto mais porque não me lembro né maninha, a gente se esquece. E então pra dizer isso eu estou aqui. Moro esses anos tudo aqui, to acostumada a viver aqui, porque aqui é tranquilo, a gente dorme bem dizer de porta aberta, não tem nada pra mexer com a gente, tranquilamente, eu durmo bem aqui com meu filho, só eu mais meu filho que vive aqui, nós vive bem graças a Deus,ai... To satisfeita...”

Embasando-nos na História Horal de MEIHY (2005), realizamos e registramos a entrevista com Dona Veneranda Gomes da Costa, primeira moradora do Distrito de Nazaré, muito tem a nos contar sobre o que é ser uma mulher ribeirinha e como é seu cotidiano.

Além disso, como está no Distrito desde que este começou a ser formado, nos forneceu um relato histórico, descrevendo os fatos que ocorreram para o surgimento do local referido. A entrevista com a Senhora nos tornou uma fonte de compreensão têmporo-espacial da realidade de Nazaré. Além de nos contar o processo de formação do Distrito de Nazaré e sua atuação neste, esta nos relata sobre sua vida:

“Ah minha filha, a vida da gente é assim mesmo, o tempo todo lutando, trabalhando no dia-a-dia. Eu cheguei aqui em 1956, foi no ano em que eu me casei, eu casei com dezesseis anos. Morava ali do outro lado, não morava aqui não, morava ali no Boa Hora, ali do outro lado, me casei e vim pra cá. Cheguei em 56... Em 1956, vim pra cá. A vida de casada não era muito boa não, eu num achei muito bom não, porque a gente... A gente quando é nova, tem outro jeito né? O esposo que eu casei com ele já tinha mais idade que eu, e tinha sangue português. Ele veio pra cá era pequeno... pra cá pra Rondônia, a gente naquele

tempo era uma pessoa meio abestada, nova, num queria saber de nada, daquele jeito. Aí bom, quando eu cheguei aqui não tinha nada não nesse Nazaré, não tinha nadinha. Eu me lembro que a gente ficava num barquinho, pra cima e pra baixo, quando largamos a seringa né? Foi quando a gente comprava as coisinhas daqui e dacolá, vendendo também, ai depois parou, ai botou um comerciozinho em casa ai teve um movimentozinho a mais de gente. Não tinha muita gente também não, tinha umas duas casas, quando nós chegamos aqui. Isso aqui tudo era capoeira, tudo era mato, ai na frente não tinha nada não, tudo era mato, tudo era tristeza, só tinha uma casinha que ele morava com a mãe dele na ponta, lá na ponta assim do rio, do igarapé e no ano que eu casei com ele já tinha uma casa grande, ai ele mandou terminar e nós pulamos pra dentro, pra dentro do barracão fomos morar. Aí não tinha boas casas não, só eram duas casas que tinha, não tinha quase ninguém não, aí era tudo mato, aí era tudo triste, tudo esquisito mesmo, não tinha... como diz o outro, não tinha nada. Aí depois foi chegando alguns moradores, foram fazendo casas perto da gente, por lá... Ele andou pagando as pessoas pra roçar lá perto de casa, andou plantando um milho, também. Tinha onça, maracajá, a gente começou a criar umas galinhas ali também, mas os maracajá vinha pegar debaixo do jirau as galinhas. Depois fomos limpando devagar e tinha mais aquele bicho... Coisa que tem na beira do rio, como é mesmo o nome? Como é o nome desse mato que tem aí na beira do rio? E... Jequiri também tinha muito Jequiri, um bicho cheio de espinho... Aí foi começando a limpar, a limpar as coisas e foi abrindo mais o lugar né? Alegando mais, foi chegando mais gente por ali e ele sempre viajando e eu ficava com a mãe dele em casa. Viajava para trabalhar, pra fazer venda das coisas por ai que ele levava pra vender às vezes assim, a alguma borracha que os caboco por aí, na beira do rio vendia pra ele a troco de açúcar, das coisas, a troco de mercadoriazinha que ele tinha né, naquela arrumação, ai depois botou o comércio em casa, não aguentou tá mais viajando. Ai trabalhava no comércio aí devagarzinho vendendo as coisas, comprando, dos regatão de Manaus que os regatão vinha de Manaus vender pra nós... Aí com pouco mais começou a chegar umas pessoas por aí, pra trabalhar com ele. Isso aí já foi depois, quando começou a trabalhar com solva, ai o pessoal daqui foi crescendo, foi também trabalhando com solva, tirando dali de dentro, aí fazia os baglzinho de solva,

vendia nos regatão, comprava mercadoriazinha, botava dentro de casa pra vender pra eles mesmo, pra nós, pra eles. Aí foi movimentando devagar, antes disso ele comprou um garrote, uma novilha e botou na ponta pra cima e pra baixo aí, sempre tinha uns pelo menos pra cuidar, pra ali e pra acolá. E, pra terminar a conversa, já foi aumentando o gado e já começou a cerca, tinha uma cerca lá na frente e veio bater aqui na terra firme, uma cerca, um cercado de arame bem feito de estaca. Aí, o gadinho foi aumentando e aumentando, aí tinha bastante leite que a gente tirava todo dia de manhã, das vaca, e as vaca dando cria, sei que a gente tinha perto de uma quarenta e pouco cabeça de gado, de lá até aqui a gente enxergava era tudo era campo, aí depois foi fazendo e fazendo e virou tudo campo como esse capim aqui. Aí o pessoal foi fazendo algumas casa aí, foi fazendo e foi chegando, fazendo casa e fazendo casa, aí pronto encheu de casa pra ali e pra acolá e o pessoal roçava, fazia casinha pra ali e pra acolá.

E depois ele tinha um barcozinho, que só vivia lá na ponta, lá na beira, fazendo sempre viagem e andava num motorzinho vendendo as coisas. Aí depois ele largou e ficou em casa trabalhando, trabalhando, vendendo as coisas, comprando alguma coisinha que vinha de Manaus, que os barcos trazia, os regatão, né? De Manaus, teve conhecimento com eles, aí, nós tava vivendo assim. Aí, foi sempre chegando gente, chegando gente... Aí ele mandou fazer uma casa, mandou fazer uma escola, aí pra aquelas crianças que morava lá perto de casa, já arrumamos um professor por lá, pra ensinar as crianças por conta dele e foi aumentando e foi aumentando... Aí pronto... Aí foi o tempo que ele morreu, aí ficou... Aí ficou sem escola sem nada, aí veio o governo e fez uma escola grande pra botar as crianças pra estudar, já por conta do governo. Aí pronto o negócio foi aumentando e aumentando devagar e devagar, aí foi o tempo que ele morreu, quando foi em 1988 aí o Jerônimo Santana que era o governador... Ele veio aqui viu a calamidade das pessoas, tinha um postozinho, que era deste tamanhinho que um dia uma menina dava injeção nas pessoas, atendia as pessoas por conta dela e isso e aquilo outro, tudo já caindo, então a energia, tudo já mudou lá pra Boa Vitória, que ela morava pra lá, e foi uma coisa pra lá e pra cá. Aí Jerônimo Santana chegou aqui falou que ia mandar fazer um colégio bom... Aí fizeram um colégio grande que justamente é ali onde é o centro comunitário, é que era o

colégio. Aí mandou fazer um colégio, mandou fazer um posto de saúde, que é esse que levantaram agora, que tá reformado... Aí levantou tanta da coisa, colocou energia também, que não tinha energia aqui, antes não tinha. Quando eu tinha o meu marido ele tinha um motorzinho de luz que quando era seis horas ele ligava e quando era nove horas desligava, só pra acender dentro de casa mesmo, pra gente tá no claro. Aí quando era pra apagar o motor nós usava dois farolzinho, aqueles farolzinho que tem aquelas manguinha não sabe? Aí acendia os farolzinho botava um na cozinha e outro na sala por ali, alumiaava tudo em casa, foguim pequeno, ficava sempre claro. Fogão a gás ninguém aqui quase não tinha, ninguém! Fogão a gás aqui só quem tinha era eu, geladeira nós tinha também uma, mas era à querosene, que tinha aqueles tanque em baixo pra colocar o querosene pra... gelar água né? Muita gente por ai, não tinha nada não, o pessoal que chegava aqui não tinha nada não, nada, nada, nada disso não, só eu que tinha ainda as coisa.

Aí bem... Jerônimo Santana, no governo dele que... colocou a energia pra nós, até ligava as seis horas quando era meia noite desligava a luz, aí colocou a energia, colocou o posto de saúde, colégio, uma voadeira, muito bonita toda equipada, um jerico todo novinho chega veio equipado pra cá, todo novinho chega veio estralando pra nós, máquina pra moer cana, uma casa de farinha que ele mandou fazer também com dois forno dentro, tudo bem organizado, com motor pra cevar a mandioca, tudo no jeito, bem organizado, Jerônimo Santana que fez isso. O que mais que ele fez? Até máquina pra debulhar milho ele colocou também pra cá, deixa eu ver... O que mais que ele fez... Eu sei que aí aumentou mais, eu sei que uma época, aqui Nazaré, o nome era Boca do Furo, por que principalmente quando foi arrastada daqui ainda que foi os primeiro que abriram aqui esse igarapé de enxada. Os primeiro morador que foi o meu marido, o pai dele que comprou esse Nazaré dum homem que morava aqui, aí o homem foi embora e o meu sogro ficou, aí foi o tempo que o meu sogro morreu e ficou o meu marido tomando conta de tudo, quer dizer que o nome tudo era Boca do Furo. Ai então, quando Jerônimo Santana fez esse alevantamento aqui, aí botou Vila de Nazaré, morreu Boca do Furo... aí morreu, aí colocou Vila de Nazaré e hoje já é Distrito de Nazaré, já é Distrito de Rondônia aqui.

Pois é, aí foi começando chegar gente, começando chegar e foi animando, foi animando tanta da coisa, como é agora, que tá sempre chegando as coisa né? Naquele tempo ninguém via gente de fora que chegava assim como vocês, só era mesmo os pessoal daqui. A gente viajava na beira do rio não via uma luz, não via nada, era tudo escuro, esquisito, hoje a gente anda de barco vê luzinha elétrica pra todo canto, já tá tudo povoado, diferente, muito mesmo e eu sempre vivendo aqui, vou fazer 73 anos sempre aqui em Vila de Nazaré. O nome do meu marido era Eduardo Costa Silva.

Tenho muita história pra contar, não conto mais porque não me lembro né maninha, a gente se esquece. E então pra dizer isso eu estou aqui. Moro esses anos tudo aqui, to acostumada a viver aqui, porque aqui é tranquilo, a gente dorme bem dizer de porta aberta, não tem nada pra mexer com a gente, tranquilamente, eu durmo bem aqui com meu filho, só eu mais meu filho que veve aqui, nois vive bem graças a Deus,ai... Tô satisfeita, eu não to mais porque as vezes to doente, adoentada, mas eu vou me tratar daqui mais uns dias, vou fazer uma consulta e vou ver como é que eu vou fazer. O meu filho é doente também duma hérnia que ele tem, passei cinco meses agora em Porto Velho desde julho, vim em dezembro pra cá, deixei minha casa toda fechada aqui, minhas coisa, quando cheguei tava tudo acabado, minhas coisa, abriram a porta, quebraram a fechadura do meu guarda roupa. É gente que não sei da onde é não, mas deve ser daqui de perto mesmo, mas eu não vou me apegar muito com as coisa não, não vou me apegar muito com essas coisa material mais não. To me apegando é com Jesus de Nazaré, ele é que é nosso amor da nossa vida. Essas coisa material não adianta quase nada, quando a gente morre a gente tem que deixar tudo... Quando vou pra Porto Velho as vezes fico na casa da minha filha, mas quando é ligeiro fico no barco mesmo, minhas coisa fica no barco, vou pra terra fazer os negócio ai venho durmo a bordo, aí quando o barco volta eu já venho. Quando eu vou num dia pra voltar no outro eu não vou pra terra não porque é mais sacrifício, deixo minhas coisinha lá, vou pra terra resolver os negócio, quando é de noite já venho. Às vezes deixo meu filho sozinho aqui, deixo só uma pessoa fazendo comida pra ele enquanto eu chego, ai eu venho rápido, não demoro não...

Eu estudei no PRONERA, tive dois encontros no PRONERA, tive um encontro em Porto Velho, eu fui escolhida aqui pelo meu professor, Tim Maia e a segunda vez eu fui escolhida lá em Porto Velho pra ir pra Rio Branco representando Porto Velho, eu tava com 64 anos nessa época. Aí, olha... Eu tenho certificado daqui, tenho certificado de porto velho, tudo eu tenho que eu recebi tudo bonitão, bem arrumado, tá por ai guardado. Ano passado eu fiz um curso aqui de pintura, também me convidaram ai eu fiz umas pintura por lá, tudo bem direitinho, tenho certificado também, ganhei toalhinha... Sempre eles me procuram pra fazer alguma coisa, mas agora não faço mais nada não... Não tenho mais paciência não.

Ah, na Festa da Melancia não vou não... É tão longe, nem me animo pra ir, meu filho me chama, mas eu não vou não... Só fico conversando com as vizinhas de vez em quando... Nem pesco mais, ainda mais agora que vive chovendo, o barranco fica liso, pra gente subir e descer ai é arriscado cair que o barranco fica liso. Tá bom de pescar que eu sei, mas eu não posso sair assim não. Depois que enxugar mais pode ser que eu ajeite um caniçozinho e vá com alguma pessoa pescar, mês de abril e maio é bom pra pescar aqui pega piau, pacuzinho, sardinha ai no igarapé.

Eu sou sócia da associação, mas eu já tô é pra sair, não vejo nada de vantagem, eu não sei como é isso, que a gente paga todo mês e não vê nada.”

Interpretação

A entrevista com Dona Veneranda nos trouxe um resgate histórico com elementos que mostram como ocorreu a construção desse Distrito. Revelou-nos que as condições da mulher naquele período, se baseavam nas relações de dependência e subordinação ao marido, chefe da casa e da família, responsável pelo mantimento econômico e organização familiar.

Desvendou, ainda, que o cotidiano da mulher ribeirinha é preenchido com muitas dificuldades e labor. No início de seu texto, a partir da narrativa sobre o seu casamento, como esse correspondia ao padrão de sua época, no qual as mulheres casavam-se muito cedo e saíam da dependência dos pais para a dependência dos maridos, pudemos constatar que a mesma não achava a vida de casada muito boa. Deixando-nos perceber certa possibilidade de incompatibilidade com seu esposo devido à idade, quando ela comenta que “a gente quando é nova tem outro jeito” e em seguida fala que quando se casou ele tinha mais idade que ela.

Comenta sobre o aspecto do Distrito, o qual no período de sua chegada, segundo suas afirmações não possuía nada, a exemplo, residências e comércios, que o mesmo era formado por mato, um local desabitado e triste, havendo somente a casa que seu esposo morava com sua mãe e posteriormente a que ele construiu para os dois. Descreve a chegada de novos moradores na localidade, construção de novas casas, como essa passou a se transformar e dos trabalhos que passaram a desenvolver, como comércio de poucas mercadorias e criação de gado.

Dona Veneranda descreve que o desenvolvimento local teve como grande contribuidor político o então governador Jerônimo Santana, primeiro governador eleito pelo voto direto no Estado de Rondônia, através do qual foram construídos a escola e o posto de saúde, além da energia elétrica que até então não havia na localidade. Além disso, tentou equipar os produtores locais com maquinários como o de preparo da mandioca para a produção de farinha, máquina para debulhar milho, voadeira e um jericó. Ainda nos conta que o nome do atual Distrito de Nazaré, primeiramente era Boca do Furo e durante o governo de Jerônimo Santana passou a ser chamado de Vila de Nazaré.

Quanto a satisfação em residir no Distrito, ela diz estar satisfeita morando no Distrito, elogia a tranquilidade, por dormir praticamente com as portas abertas e não ser roubada, só se queixa não estar muito bem de saúde e não poder fazer tudo o que quer como, por exemplo, pescar, uma vez que já se encontra em idade muito avançada.

Atualmente, a referida senhora encara as mais variadas dificuldades em seu cotidiano, uma mulher praticamente sozinha e com idade já avançada, que além de ter que tomar conta da casa e de seu terreno, cuida ainda de seu filho, portador de necessidades especiais. Seu espaço se restringe ao domiciliar, a prática da pesca que costumava ser uma atividade cotidiana não só de subsistência, mas de lazer e interação com outras mulheres da comunidade, tornou-se uma realização comprometida com o avanço da idade.

4.2 A percepção da mulher ribeirinha de sua participação em seu espaço vivido

No decorrer de nossa pesquisa, constatamos que as mulheres pouco se envolvem em atividades de maior liderança e que exijam tomadas de decisão. Nossas idas a campo nos trouxeram o conhecimento que apenas uma mulher participava como integrante da Associação dos Moradores da localidade. A partir disso, procuramos a mesma para que pudéssemos compreender como ocorre a participação dela nesta Associação.

Com esta moradora, a Senhora Maria Rozinete Neves de Araújo, realizamos a aplicação de uma entrevista com perguntas direcionadas. Como esta é a única mulher que atua como integrante da Associação, as perguntas realizadas em sua entrevista tiveram um direcionamento diferente das demais e único, devido à singularidade de sua condição na comunidade, enquanto mulher. A mesma reside no Distrito de Nazaré a mais de quatro anos. Durante a entrevista destacamos três perguntas fundamentais para nossa avaliação:

Pesquisadora: A senhora sabe me informar o quantitativo de mulheres que são associadas na associação dos moradores?

Srª Maria Rozinete: “Eu não sei te falar assim, quantas mulheres. Mas até que elas estão procurando mais, esses dias veio a Dona Orma lá de dentro se associar, até que elas estão se chegando agora. Mas tem mais homem do que mulher, elas estão se chegando agora. Porque quando eu vou entregar os convites eu converso com elas, porque eu entrego os convites quando tem reunião né, por que é importante, pois tudo o que vem pra cá pro distrito, tudo vem via associação, tudo tem que passar pela associação e a associação tem que estar com os documentos tudo legalizadinho e isso a ANPAN tem, todos os documentos. Ai eles querem cópia da ultima reunião, da assinatura dos sócios, então tem que existir eles participando no meio porque se não, não sai. É importante demais que eles participem.”

Pesquisadora: Como mulher já sofreu alguma resistência por parte dos sócios, tem algum tratamento diferenciado com a senhora e com os homens?

Srª Maria Rozinete: “Não, eu não acho que tenha nenhuma diferença não, nem deles nem delas, assim. Ai esses senhores de idade quando eu vou entregar o convite, eles gostam de conversar, aí conversam comigo que só, perguntam como é que tá o andamento. Minha maior dificuldade é na organização administrativa mesmo, pela bagunça que tava, acho que só passou pela mão de homem mesmo.”

Pesquisadora: Como a senhora percebe a liderança feminina na comunidade, tanto para buscar uma maior organização dentro dos seus próprios lotes quanto na procura na associação?

Srª Maria Rozinete: “É... Elas são vergonhosas demais, Deus o livre... As que são daqui mesmo são muito vergonhosa. Pra falar, olha, quando eu chego na casa de um pra entregar um convite elas já vem assim, com vergonha, sabe? Elas não vem assim conversando sabe, e só responde o que eu perguntar, já os homens não, ainda mais os senhores, os senhores já chegam já sentam já oferecem um café. Já as mulheres já são mais vergonhosas”.

Interpretação

Como pode ser observado claramente nas respostas de nossa entrevistada, tivemos a percepção de que a mulher ribeirinha ainda possui uma participação tímida, fato que pode ser observado a partir da associação destas na ANPAM, que ainda é inferior à masculina. A mesma nos informou que houve um aumento na procura feminina para associar-se, mas mesmo assim, elas ainda têm uma participação inferior a dos homens.

No que se refere à questão de ser a única mulher a participar desta associação a indagamos sobre a possível resistência por parte dos homens em tê-la como integrante da ANPAM e se ela recebe algum tratamento diferenciado, a mesma nos informou que não detectou nenhum tratamento diferenciado, mas percebeu que no quesito organização, seu trabalho se diferencia do masculino. Considera que o fato de ausência de organização administrativa quando ingressou na associação se deveu ao fato de que somente homens haviam trabalhado no local anteriormente.

O que ocorre remete à compreensão acerca das condições da mulher no que se refere à sua participação social. Historicamente considerada como sexo frágil, tendo sua atuação delimitada a espaços privados, atualmente em alguns setores de liderança a mulher ainda possui uma atuação pouco expressiva. A timidez que nossa colaboradora afirma haver nas mulheres ribeirinhas reflete nessa pouca procura em participar da associação de moradores, pois já lhes foi pré-estabelecido que suas atribuições não são voltadas ao poder, ao questionamento e às tomadas de decisões.

Tal fator dificulta a ascensão do empoderamento nessa localidade, já que a participação feminina é o principal fator para que ele ocorra. O primeiro passo para que haja o desenvolvimento do poder feminino é que elas próprias reconheçam suas capacidades e se incomodem com as desigualdades referentes aos sexos feminino e masculino.

No que se refere à existência de liderança por parte das mulheres nas mais variadas atividades na comunidade, a senhora Maria Rozinete, nos informou que homens e mulheres possuem comportamentos distintos. Sendo as mulheres mais tímidas e encontrando maiores dificuldades em se comunicar espontaneamente do que os homens. Assim colaborando para a nossa percepção de que as mulheres atuam mais às margens dos setores sociais.

CAPÍTULO V

CONHECENDO O DISTRITO ATRAVÉS DAS IMAGENS



Foto 11: Acervo GEPGÊNERO. O Distrito também é chamado, por seus moradores, como terra do siringandô, espécie de dança típica. Nazaré, RO. 2011.



Foto 12: LOPES, Luciane Gomes. Ponte que serve de passarela e auxilia na locomoção dos moradores do Distrito, considerando ser uma área ribeirinha e propícia a alagação, torna-se necessária neste trecho uma ponte como essa, assim como as casas serem sob palafitas. Nazaré – RO, 2012.



Foto 13: LOPES, Luciane Gomes. O barco recreio é um dos meios de transporte mais utilizados no percurso até Nazaré. Leva-se cerca de seis horas do município de Porto Velho até o Distrito. Ao chegar à localidade encontram-se dificuldades no desembarque dos passageiros, principalmente se estiver em período de seca do rio, o que torna os barrancos mais íngremes. Nazaré – RO, 2012.



Foto 14: LOPES, Luciane Gomes. Escada que auxilia na chegada ao Distrito. Em um período de baixa do rio, descer dos barcos transportando suas bagagens até a localidade torna-se um desafio. Nazaré – RO, 2011.



Foto 15: LOPES, Luciane Gomes. Principal via de circulação da localidade. No período da Festa da Melancia, a que mais movimentava o local, os moradores decoram o calçamento com o motivo do Festejo, como podemos observar na fotografia imagens da fruta ornamentando o mesmo. Nazaré – RO, 2012.



Foto 16: LOPES, Luciane Gomes. Mulheres ribeirinhas descascando macaxeira para a preparação de farinha, em um processo que elas chamam de “farinhada”. Hoje não mais um produto de comercialização, mas sim para o consumo de suas famílias. Esse processo é visto por elas como um momento de descontração, onde conversam sobre os mais variados assuntos. Nazaré – RO, 2012.



Foto 17: LOPES, Luciane Gomes. Maquinário utilizado para moer a macaxeira para preparação de farinha. O aspecto de tal casa de farinha é bem rudimentar, coberta com palhas e maquinário bem antigo e em condições de utilização meio que precárias. Nazaré – RO, 2012.



Foto 18: LOPES, Luciane Gomes. Forno utilizado para o processo de torrar a farinha. Sua base é feita em barro e a parte superior em alumínio batido. Nazaré – RO, 2012.



Foto 19: LOPES, Luciane Gomes. Vista à distância da Casa de farinha. Como podemos observar, em condições simples e rústica, sem muito maquinário e o que existe encontra-se em condições precárias. Nazaré – RO, 2012.



Foto 20: Acervo GEPGÊNERO. Unidade de Saúde Municipal do Distrito. Inaugurado dia 16 de setembro de 2011. O mesmo conta com consultório, gabinete odontológico, farmácia, sala de enfermagem, laboratório, sala de emergência, salas administrativas, copa, dispensa, área de serviço, nebulização, observação, laboratório, imunização, consultório ginecológico, e demais serviços prestados à comunidade. Nazaré – RO, 2012.



Foto 21: Acervo GEPGÊNERO. Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco Desmoret Passos em construção. A mesma foi inaugurada dia 19 de março de 2012. Nazaré – RO, 2012.



Foto 22: LOPES, Luciane Gomes. Pracinha da localidade, construída em formato de Melancia em homenagem a Festa que ocorre no mês de agosto, a mesma atrai um grande público e conta com uma série de atrações, como shows locais e concursos Nazaré – RO, 2012.



Foto 23: LOPES, Luciane Gomes. Moradores reunidos durante umas atividades da 5ª Festa da Melancia. Nesse momento ocorria o concurso da maior e mais pesada melancia produzida na localidade. Nazaré – RO, 2011.



Foto 24: LOPES, Luciane Gomes. Barraca com doces feitos à base de melancia por mulheres. Nesse processo, cabe destacar a participação da EMATER junto à comunidade, que auxilia e coordena os moradores no exercício de suas atividades voltadas à produção com insumos locais. Nazaré – RO, 2012.



Foto 25: SOUZA, Rúbia Elza. Movimento de Mulheres Ribeirinhas do Baixo e Médio Madeira, criado em 2011 que participaram da Festa da Melancia. Nazaré,RO. 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“o mundo é não aquilo que penso, mas aquilo que eu vivo”.

Merleau-Ponty.

O trabalho evidenciou o cotidiano da mulher no Distrito de Nazaré, tanto no aspecto familiar como no da vida social, em um ambiente dotado de singularidades, características de uma área ribeirinha, na qual o acesso à informação e comunicação são, ainda, parcialmente restritos.

Ao analisarmos a referida localidade pudemos perceber o espaço de acordo com as experiências de quem nele habita e constrói os lugares, e ainda de como se encontra o modo de vida atual da mulher ribeirinha diante das relações de poder no espaço vivido. Tornando-nos perceptível o quanto existem diferenciações na ocupação dos espaços sociais por homens e mulheres, resultado de interpretações socioculturais que geram paradoxos no que tange às atividades e as formas de atuação destes em seu espaço vivido.

De uma forma abrangente, constatamos que o paradoxo das relações de gênero encontra-se na contradição/diferenciação de espaços ocupados e também de atividades realizadas por homens e mulheres, uma vez que, estes, são influenciados por uma intermediação sociocultural daquilo que se diz corresponder a eles e a elas.

Nas análises na comunidade, ficou evidente que homens e mulheres possuem um cotidiano com atribuições diferenciadas, reflexo ainda do que foi socialmente construído, no que se refere ao que cabe aos homens e do que cabe às mulheres. Ressalta-se que há na localidade uma relação, podemos até mesmo dizer que de dependência entre os indivíduos que lá habitam e o seu lugar, há

uma relação de pertencimento. Neste espaço ribeirinho, homens e mulheres se identificam, possuem seu próprio tempo, suas próprias e singulares atividades no cotidiano.

Constatamos, após verificar como homens e mulheres atuam nessa comunidade ribeirinha, tanto nos espaços e atividades de lazer e trabalho quanto nos espaços do lar (privado), que ocorre uma distinção na maneira de atuação, pois as mulheres estão voltadas para a execução de trabalhos voltados a este último, trabalhos internos e com menos visibilidade, estando às margens daquilo que é mais facilmente reconhecido, como o trabalho gerador de renda.

No que se refere à questão do desenvolvimento do trabalho, a partir dos dados obtidos em nossa pesquisa, verificamos que dentre as profissões citadas por homens encontram-se, primeiramente, a de agricultor, seguindo esta a de pescador e posteriormente a de funcionário público, eles citam ainda atividades de comerciante e as desenvolvidas em empresas privadas dentro ou fora da localidade. Já as mulheres que colaboraram com a pesquisa, que citaram alguma profissão, mencionaram a de agricultora, pescadora e funcionária pública, respectivamente.

O fato de as mulheres estarem citando alguma profissão reflete em como elas vêm buscando, mesmo que timidamente, maior autonomia. A exemplo, as mulheres que informaram ter a profissão de pescadora e possuir a carteira profissional da pesca. Essa carteirinha propicia à elas a obtenção de alguns direitos, dentre eles o recebimento de alguns benefícios no período do defeso. Ainda a respeito dessa profissão nós constatamos que nem todas a exercem, pois se dedicam mesmo às atividades de dona de casa, estando a pesca sendo praticada como uma atividade de lazer apenas.

Em prol de obter um conhecimento a cerca de como se distribuem as atividades do lar e do trabalho entre eles e elas e até mesmo poder verificar como se compreende pelos colaboradores da pesquisa as relações de gênero,

levantamos dados referentes sobre como ocorre a divisão do trabalho entre homens e mulheres e constatamos que dentre os grupos analisados maioria afirma dividir as atividades do lar e do trabalho, o segundo maior grupo, concentra aqueles que afirmam estar as mulheres restritas somente aos espaços delimitados à suas residências, já os homens destinam-se aos trabalhos relacionados à roça e relacionados ao ambiente externo às moradias.

Interessante constatar ainda, que há um grupo afirmando que em trabalhos agrícolas ou em lavouras ocorre uma divisão de tarefas, mas no que se refere às atividades voltadas à residência, espaço privado, somente as mulheres executam tarefas, como cuidar da limpeza da casa, das roupas e das crianças.

A pesquisa apontou que referente às tomadas de decisões quanto ao uso do lote para plantio, entre as quais se encontram o tipo de técnica a ser utilizada e o que plantar, quem as toma é o homem.

Dentre os fatores analisados encontram-se ainda, os relacionados ao cotidiano familiar e como ocorre a participação feminina neste. Para classificarmos as famílias do Distrito de Nazaré, utilizamos o modelo das relações sociais a partir de um sistema hierárquico. Neste, as relações entre os indivíduos que compõem uma família partem de um plano vertical, ou seja, a partir das relações construídas hierarquicamente. Verificamos nas famílias investigadas que há a existência de um “sistema hierárquico simples”. A partir dessa percepção, em uma família onde o homem, enquanto pai e responsável pelo mantimento econômico da família, gerador de renda é considerado, então, o membro mais importante no grupo familiar, e por isso ocupa o topo da hierarquia.

Constatamos, dentre as famílias analisadas que em todas ocorre esse sistema hierárquico simples, no qual os homens participam de trabalhos externos e geradores de renda como foi anteriormente mencionado, já no que se refere às mulheres, estas se mantêm no desenvolvimento de atividades voltada aos cuidados do lar e da família.

Portanto, retomando a ideia de que as relações sociais estão em constante processo de transformação, consideramos que este trabalho ainda conta com um grande campo a investigar, no que se refere às relações de gênero. Contando que o desenvolvimento social afeta tais relações e que estas estão suscetíveis a modificações, resta-nos saber se daqui a alguns anos as mulheres conseguirão romper com esses paradoxos.

ESTA PESQUISA TRAZ COMO CONTRIBUIÇÃO:

- 1. Para a comunidade ribeirinha:** o conhecimento das condições da mulher ribeirinha em seu cotidiano, para que assim, a comunidade possa valorizar mais o trabalho feminino. Além disso, a possibilidade de visualizar a distribuição da população no espaço, no que se refere à localização das residências, uma vez que verificamos a ocorrência de uma espacialização centro-periferia na comunidade, e que as pessoas que se encontram nessas áreas mais afastadas sentem-se isoladas por não receber toda a informação a respeito dos acontecimentos que ocorrem no distrito;
- 2. Para a mulher ribeirinha:** que possa compreender que sua atuação é de extrema importância na organização do espaço ao qual faz parte, principalmente para aquelas que se dedicam somente ao trabalho doméstico, não o considerando relevante;
- 3. Para a comunidade geral e acadêmica:** a possibilidade de conhecer a realidade de uma comunidade ribeirinha e da condição da mulher nesta.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Engendrando um novo Feminismo: mulheres líderes de base**. Brasília: UNESCO, 1998.

AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Masculino/Feminino: tensão insolúvel: sociedade brasileira e organização da subjetividade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

AMORIM, Oswaldo Bueno Filho. **A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais**. In: FILHO; Sylvio Fausto Gil, KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa (Org.). *Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

BARDWICK, Judith B. **Mulher, Sociedade, Transição**. São Paulo: DIFEL, 1981.

BECKER, K. Bertha, Mariana Helena P. de Miranda, Lia Osório Machado. **Frente Amazônica: Questões sobre Gestão do Território**. Brasília: UNB, 1990.

BELL, Morag. **Imagens, mitos e geografias alternativas do Terceiro Mundo**. In: GREGORY, D., MARTIN, R. e SMITH, G. (org.). *Geografia Humana. Sociedade, espaço e ciência social*.

BELO, Raquel Pereira; SOUSA, Tâmara Ramalho de; CAMINO, Leoncio. **Trabalho de Mulher? Um Levantamento sobre Profissão e Gênero**. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/conhecimentoemdebate/arquivos/300-16092008110641-TamaraCchlaEmDebate.pdf>. Acesso em: dezembro de 2009.

BORGES, Maristela Corrêa. **Da observação participante a participação obsesrvante: uma experiência da pesquisa qualitativa**. In: Pessoa, Vera Lúcia; RAMIRES, Júlio César de Lima. *Geografia e Pesquisa Qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009.

BRASIL. Ministério do desenvolvimento agrário. **Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul**. Brasília: Ministério do desenvolvimento agrário, 2006.

_____. **Mulheres na reforma agrária a experiência recente no Brasil**. Organizadoras: Adriana L. Lopes, Andrea Butto Zarzar. Brasília: MDA, 2008.

_____. **Cirandas do Pronaf para mulheres**. Brasília : Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2005.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003. 236 p.

BUTTNER, A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. 1985. *In: PERSPECTIVAS DA GEOGRAFIA*. Antônio Carlos Christofolletti (org.). São Paulo, Difel, p. 165-193.

CAPEL, Horácio. **Filosofia y Ciência en la Geografía Contemporánea: una introducción a la Geografía**. Barcelona: Barcanova, 1981.

CASTRO. Nadya Araújo e GUIMARÃES, Iracema Brandão. **Divisão sexual do trabalho, produção e reprodução**. *In: Relações de trabalho, relações de poder*. Brasília: Editora UnB, 47-72p., 1997.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. A arte de Fazer. Petrópolis, Vozes, 2002.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2000.

CHRISTOFOLLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2ª Ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

COSTA, Francisco de Assis. **Desenvolvimento Sustentável na Amazônia: O papel estratégico do campesinato**. *In: Gilney Viana, Marina Silva e Nino Diniz (org.) O Desafio da Sustentabilidade. Um debate socioambiental no Brasil..* São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

CRUZ, Beatriz Nates. **Desterritorialización, centro-periferia, lugar/no-lugar reflexiones desde la antropología del território.** In ALMEIDA, Maria Geralda; CRUZ, Beatriz Nates. (ORGS). Território e Cultura: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais. Goiânia: Universidade Federal de Goiás/ FUNAPE; Manizales: Universidad de Caldas, 2009.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra:** natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIEGUES, Antônio Carlos S. **O mito da natureza intocada.** São Paulo: NUPAUB-USP, 1994.

DI SABBATO, Alberto. **Estatísticas rurais e a economia feminista:** um olhar sobre o trabalho das mulheres/ Alberto Di Sabbato; Hildete Pereira de Melo; Maria Rosa Lombardi; Nalu Faria; organização de Andrea Butto. – Brasília : MDA, 2009.

FALEIRO, Airton. **O Desenvolvimento da Amazônia na Visão dos Produtores Familiares Rurais.** In: Org. Gilney Viana, Marina Silva, Nilo Diniz. O Desafio da Sustentabilidade – Um Debate Sócio Ambiental no Brasil –São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa.** Versão 5.12. 6ª edição. Positivo, 2004.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido.** Almeida: Coimbra, 1980.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local:** Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLDENBERG, Miriam. **O corpo como capital.** São Paulo: Estação das Letras e Cores. 2007.

GOMES, Paulo César da costa. **Geografia e Modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa:** desafios metodológicos. Paidéia, In Revista de Estudos Sociais, 2003.

GREGORY, D., MARTIN. **Teoria social e geografia humana.** *In:* GREGORY, D., MARTIN, R. e SMITH, G. (org.). Geografia Humana. Sociedade, espaço e ciência social.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino.** Rio de Janeiro. Imago, 2007.

LAVILLE, Christian; DIONNE Jean. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Atmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LOPES, Maria Margaret. **As grandes ausentes das inovações em Ciência e Tecnologia.** *In* Cadernos Pagu, 2002.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica:** uma poética do imaginário. São Paulo: Escritoras Editora, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2005.

McDOWELL, Linda. **A transformação da geografia cultural.** *In:* GREGORY, D. MARTIN, R; SMITH, G. (Orgs.). **Geografia humana – sociedade, espaço e ciência social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MONTECCINO, Sonia. **Palabra Dicha:** Escritos sobre Género, Identidades, Mestizajes. Universidad De Chile Facultad De Ciencias Sociales. Colección de Libros Electrónicos. Serie: Estúdios, 1977.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória.** Contexto, 2008.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica.** 6ª edição. São Paulo: Hucitec, 1987.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina:** o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.

MORIN, Edgar. **Saberes Locais e Saberes Globais:** O olhar interdisciplinar. 3ª

Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **O Espaço Ribeirinho**. Terceira Margem, São Paulo. 2000.

NUNES, João Horta. **As transformações da divisão sexual do trabalho e os novos arranjos de gênero domésticos**. In: NUNES, João Horta. Trabalho e Gênero: entre a solidariedade e a desigualdade. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011.

ORNAT, Márcio José. **Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista**. In: Terr@ Plural. Ponta Grossa: jul./ dez., 2008.

PELLUCIO, Gabrielle; NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **Gênero e Ciência na Universidade Federal de Rondônia**. In: VIII Seminário Fazendo Gênero : Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAHR, Wolf-Dietrich. **Signos e Espaço Mundos – A Semiótica da Espacialização na Geografia Cultural**. In: KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa, GIL FILHO, Sylvio Fausto (ORGS) Da percepção e Cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª Ed. 2ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Espaço e Método**. 4ª Ed. São Paulo: Nobel, 1997.

SERPA, Ângelo. **Culturas Transversais: um novo referencial teórico-metodológico para a Geografia Humanista e Cultural?** In: FILHO; Sylvio Fausto Gil, KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa (org.). Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

SIENA, Osmar. **Metodologia da pesquisa científica**: elementos para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos. Porto Velho: [s.n.], 2007.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas**: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

_____. **Geografias feministas, sexualidades e corporalidades**: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. Espaço e cultura, UERJ: RJ, 2010.

_____. **Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro**: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. *In*: SILVA, Joseli Maria (Org.) Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa-PR: Todapalavra, 2009

_____. **Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica**. *In*: revista de História Regional, 2003.

SILVA, Josué et al (Orgs). **Nos Banheiros do rio**: ação interdisciplinar em busca da sustentabilidade em comunidades ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho: EDUFRO, 2002.

SILVA, Susana Maria Veleda da. **A Perspectiva Feminista na Geografia Brasileira**. *In*: I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico. URGs: 2007.

_____. **Os Estudos de Gênero no Brasil**: algumas considerações. *In* Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. Nº 262, 15 de noviembre de 2000.

_____. **A perspectiva Feminista na Geografia Brasileira**. *In*: I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico. 2007c.

SOJA, Edward. **Geografias Pós-Modernas**: A Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SUERTEGARAY, D.. **Pesquisa de Campo em Geografia**. GEOgraphia, América do Norte, 4, set. 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Geografia Humanística**. *In*: CHRISTOFOLETTI, Antônio.

Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL, 1985.

WERLEN, Benno. **Regionalismo e Sociedade Política**. In: GEOgraphia, ano II, nº 4, 2000.

VERONESE, Silvia Mara. **Novas rotas, novos voos: a mulher ocupando o espaço na educação e no trabalho**. In: VIII Seminário Internacional Fazendo Gênero: corpo, violência e poder. Florianópolis: Mulher. 2008.

VIANNA, Lucila Pinsard. **De invisíveis a protagonistas: populações tradicionais e unidades de conservação**. São Paulo: Annablume, 2008.

YANNOULAS, Silvia Cristina, VALLEJOS, Adriana Lucila, LENARDUZZI, Zulma Viviana. **Feminismo e Academia**. Traduzido do espanhol por Syomara Deslandes Tindera. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), v. 81, n. 199, p. 425-451, set./dez.2000. Disponível em <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/131/131>.

APÊNDICE

Apêndice A: Questionário elaborado pelo GEPGÊNERO, utilizado para levantar dados de áreas estudadas pelo Grupo



Perspectiva de Gênero na Aplicação de Técnicas de Manejo Agro-pastoris e Intervenções ambientais: Um estudo comparado em Comunidade Camponesa de Reforma Agrária, PA Joana D´Arc III e Comunidade Ribeirinha PDSA Nazaré e Boa Vitória.

JOANA D`ARC III ()

NAZARÉ E BOA VITÓRIA ()

IDENTIFICAÇÃO: _____

1. FAIXA ETÁRIA

() 18 a 24 anos

() 45 a 59 anos

() 25 a 34 anos

() 60 e + anos

() 35 a 44 anos

2. SEXO

() Masculino

() Feminino

3. ESTADO CIVIL

() Solteiro(a)

() Casado(a)/vivendo com parceiro(a)

() Divorciado(a)/separado(a)

() Viúvo(a)

() Outro: (detalhar) _____

4. ESCOLARIDADE

() Ensino Fundamental Incompleto

() Ensino Fundamental Completo

() Ensino Médio Completo

() Superior Completo

- Pós-Graduação
- Outra: (detalhar) _____

5. NÚMERO DE FILHOS

- Nenhum De 7 a 9
- De 1 a 3 10 ou mais
- De 4 a 6

5.1 FAIXA ETÁRIA

- De 0 a 05 anos De 12 a 17
- De 06 a 11 anos Maioridade

6. RELIGIÃO

- Católica Evangélica
- Espírita Outras
- Nenhuma Recusa / Não sabe

7. A RESPEITO DA PRODUÇÃO

7.1. Qual a sua profissão?

7.2. Quantas horas, em média, você se dedica ao trabalho diariamente?

7.3. O lote que você mora está registrado em seu nome? Sim Não

7.4. Como se dá a divisão do trabalho entre homens e mulheres na produção e no âmbito familiar?

7.5. Quem toma as principais decisões referentes ao plantio e às benfeitorias no lote?

7.6. Quais as técnicas utilizadas no lote para melhoria da produção ?

7.7 Como é feita a preparação da terra para o plantio?

7.8. Você recebeu/recebe algum financiamento?

7.9. Como funciona a rede de escoamento de seus produtos?

7.10. Quais os produtos que você comercializa?

7.11. Qual o produto que dá mais lucro?

7.12. Quais as formas de produção destinadas à subsistência de sua família?

7.13. Quais as maiores dificuldades encontradas para o escoamento da produção?

8. PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS SOCIAIS

8.1. Você participa de movimentos sociais? Se sim, quais?

8.2. Qual o principal objetivo de sua participação nos movimentos sociais?

8.3. Quais os benefícios que a comunidade conquistou através da participação política nos movimentos sociais?

9. ASPECTOS AMBIENTAIS

9.1. Há uma preocupação com o meio ambiente na comunidade?

9.2. Em sua opinião, qual a importância do meio ambiente para a comunidade?

10. PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES SOCIAIS

10.1. Quais os festejos que a comunidade participa?

10.2. Quais as atividades de lazer na Comunidade?

10.3. O que levou você a vir morar no Assentamento?

10.4. Você se sente realizado morando nesta comunidade?

11. Quais as ações realizadas no assentamento pelas instituições abaixo:

| | INSTITUIÇÃO | AÇÕES/BENEFÍCIOS | DURAÇÃO | AValiação |
|----|-------------|------------------|---------|-----------|
| 01 | INCRA | | | |
| 02 | EMATER | | | |
| 03 | SEAGRI | | | |
| 04 | SEMAGRIC | | | |

| | | | | |
|----|--------------|--|--|--|
| 05 | IBAMA | | | |
| 06 | SEMUSA | | | |
| 07 | SEMED | | | |
| 08 | SEMOB | | | |
| 09 | UNIVERSIDADE | | | |
| 10 | COTRARON | | | |
| 11 | OUTRAS | | | |

DURAÇÃO:

P = Permanente

E = Esporádico

AVALIAÇÃO:

O = ótimo

B = bom

R = Regular

P = péssimo

12. Você já sofreu algum tipo de discriminação? () Sim () Não

Em caso positivo especifique: _____

13. Recebe algum tipo de benefício do Governo Federal? () Sim () Não

Em caso positivo especifique: _____
